

CADERNOS TEMÁTICOS DO LEH

VOL.4

LEITURA, ESCRITA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE HISTÓRIA

organização

Lisiane Sias Manke

leh

laboratório de
ensino de história

UFPeL

CADERNOS TEMÁTICOS DO LEH

VOL.4

LEITURA, ESCRITA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NAS AULAS DE HISTÓRIA

organização

Lisiane Sias Manke

leh

laboratório de
ensino de história

UFPel



casaletras

Porto Alegre

2024

Universidade Federal de Pelotas
Laboratório de Ensino de História da UFPel
Projeto de Extensão *Cadernos Temáticos do LEH*

Equipe do Projeto – Docentes: Alessandra Gasparotto (Coordenadora), Márcia Janete Espig, Lisiane Sias Manke e Wilian Junior Bonete.

Projeto Gráfico: Suldesign Estúdio – Discentes: Cassia Marigliano e Guilherme Alcantara, Técnicos: Guilherme Tavares e Josiane dos Santos, Professora Coordenadora: Nádia Leschko.

Organização do Caderno Temático “*Leitura, Escrita e Cultura Afro-brasileira nas Aulas de História*”: Lisiane Sias Manke.

Autores/as do Caderno Temático “*Leitura, Escrita e Cultura Afro-brasileira nas Aulas de História*”: Bruno Coutinho Lucas Pereira, Caroline Melo Armesto, Chelsea Couto, Daniel Sias da Silva (preceptor), Gabriela Muller Rubira da Costa, Gabriel Luan Ribeiro de Medeiros, Isadora Lebedeff Camargo, Larissa Azevedo da Silva, Letícia Lopes Felix, Matheus Goulart Tanhote, Patrick de Oliveira Colvara, Rosana Botelho Gonçalves Ostermann (preceptora), Ryan dos Santos Cardoso, Sílvia dos Santos Aldrighi, Simone Weber Cardoso Schneider, Sofia Giglio Pires, Victória Antunes Capella.

Ilustradora: Sofia Giglio Pires.

Revisoras de conteúdo: Prof^a. Dr^a. Juliana Ferreira de Melo (Professora de Língua Portuguesa do Centro Pedagógico da Escola de Educação Básica e Profissional da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG); Prof^a. Dr^a. Fernanda Oliveira da Silva (Professora do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS).

Revisão Textual Geral: Prof^a. Dr^a. Juliana Ferreira de Melo (Centro Pedagógico - UFMG).

Revisão Textual Final: responsabilidade dos/das autores/as.

Dados internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D958 Leitura, escrita e cultura afro-brasileira nas aulas de História / Lisiane Sias Manke (Org.).
[Recurso eletrônico] Coleção Cadernos Temáticos do LEH, vol. 4. Porto Alegre:
Casalettras, 2024.

78 p.
Bibliografia
ISBN: 978-65-5220-015-0

1. História. 2. Formação de professores. 3. Ensino de História. 4. Cultura afro-brasileira. 5. Letramento. I. Manke, Lisiane Sias. - II. Título.

CDU:371(900)

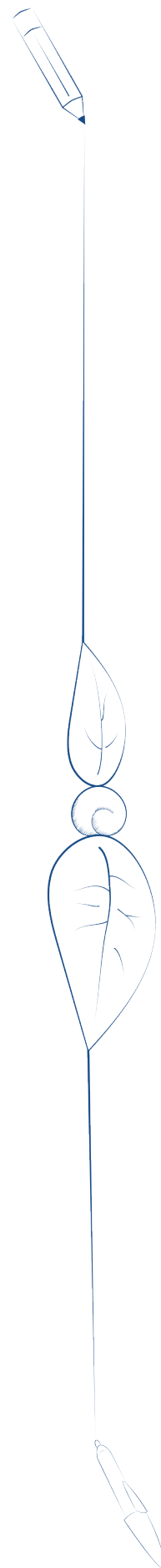
CDD-371



EDITORA CASALETTRAS
R. Gen. Lima e Silva, 881/304 - Cidade Baixa
Porto Alegre - RS - Brasil CEP 90050-103
+55 51 3013-1407 - contato@casalettras.com
www.casalettras.com

SUMÁRIO

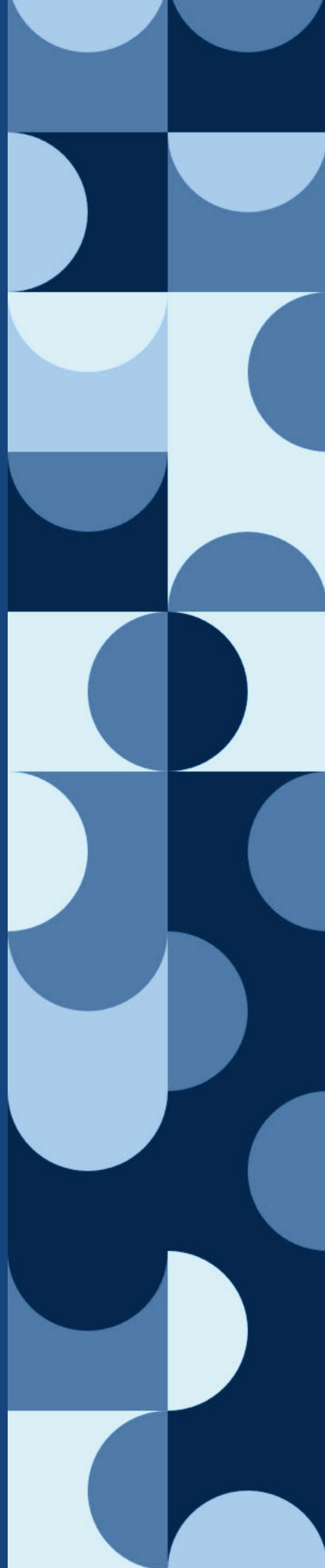
- 6 APRESENTAÇÃO GERAL**
- 9 APRESENTAÇÃO:** LENDO, ESCRREVENDO E CANTANDO HISTÓRIAS DE EMPODERAMENTO
- 16 PROPOSTA PEDAGÓGICA I – ENSINO DE HISTÓRIA E LITERATURA**
- 17 Atividade** - “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia”: sentidos sociais da leitura e da escrita
- 31 PROPOSTA PEDAGÓGICA II – ENSINO DE HISTÓRIA E MÚSICA**
- 32 Atividade:** Expressões da música negra brasileira
- 57 PROPOSTA PEDAGÓGICA III – ENSINO DE HISTÓRIA E HQS**
- 58 Atividade:** A representatividade negra nos quadrinhos
- 76 POSFÁCIO**

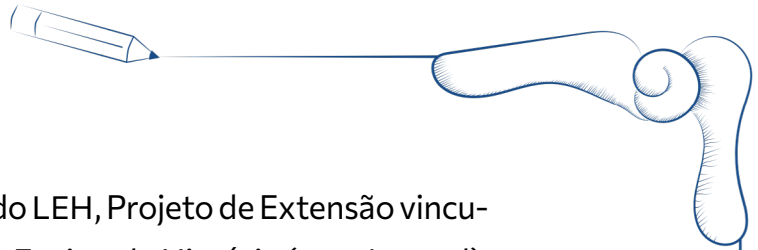




Carolina Maria de
Jesus
Ilustração de Sofia
Giglio Pires
Pelotas, 2024.

APRESENTAÇÃO GERAL





Os Cadernos Temáticos do LEH, Projeto de Extensão vinculado ao Laboratório de Ensino de História (LEH/ UFPel), se constituem enquanto publicação seriada em que cada volume contempla um recorte temático para o ensino da História escolar. O projeto parte da compreensão de que as práticas de ensino e aprendizagem na Educação Básica, por vezes, carecem de materiais didáticos que possibilitem a inserção de temas e conceitos atualizados, que versem sobre aspectos históricos, sociais e culturais significativos e que dialoguem com as experiências dos estudantes.

Assim, trata-se de uma publicação de conteúdo didático que visa contemplar temas que tangenciam a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), a partir de propostas pedagógicas que ampliam o escopo das abordagens mais recorrentes nas práticas de ensino e aprendizagem da disciplina de História.

Ainda, compreendendo que a apresentação visual dos textos didáticos incide diretamente na apropriação desses, o projeto desenvolve-se em parceria com o Suldesign Estúdio, projeto unificado com ênfase no ensino, vinculado ao Colegiado dos Cursos de Design da UFPel, que criou o projeto gráfico dos Cadernos, bem como realizou a supervisão técnica de seu conteúdo.

As propostas pedagógicas que constituem os Cadernos Temáticos do LEH são resultado de práticas de pesquisa e elaborações teórico-conceituais realizadas em diferentes instâncias, a saber: grupos de estudo e pesquisa, projetos de ensino vinculados a disciplinas acadêmicas, Programa Institucional de Bolsas de Iniciação



à Docência (PIBID), Programa Residência Pedagógica, entre outras atividades de formação inicial e continuada de professores/as, de diferentes instituições de ensino superior.

As produções no âmbito do projeto, com temáticas que tangenciam os componentes curriculares da área de Ciências Humanas, em especial, a História, têm como público alvo a Educação Básica. A produção dos conteúdos leva em conta a autonomia intelectual das/dos professoras/es, possibilitando a apropriação, o recriar e a adequação das propostas pedagógicas para os diferentes contextos escolares.

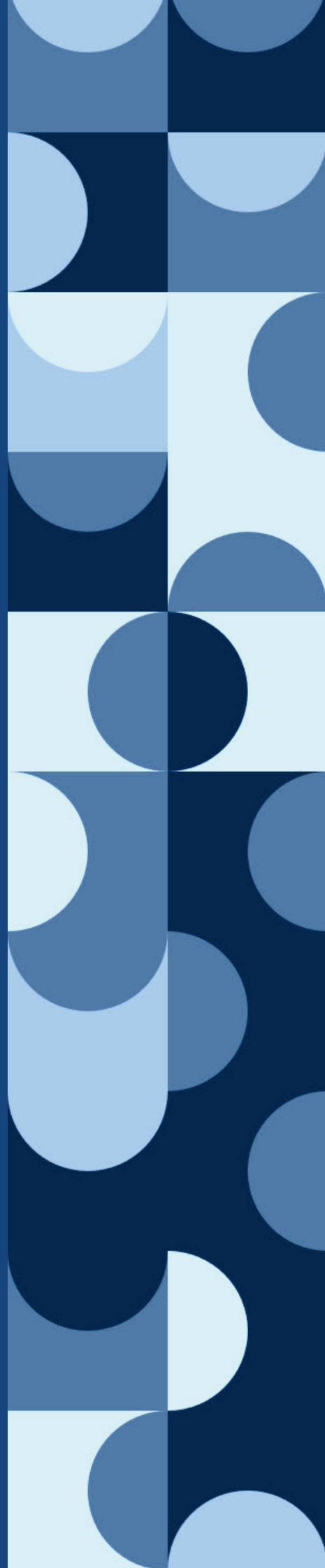
Desejamos que essa produção resulte em frutíferas discussões e em aprendizagens carregadas de sentido para os/as estudantes.

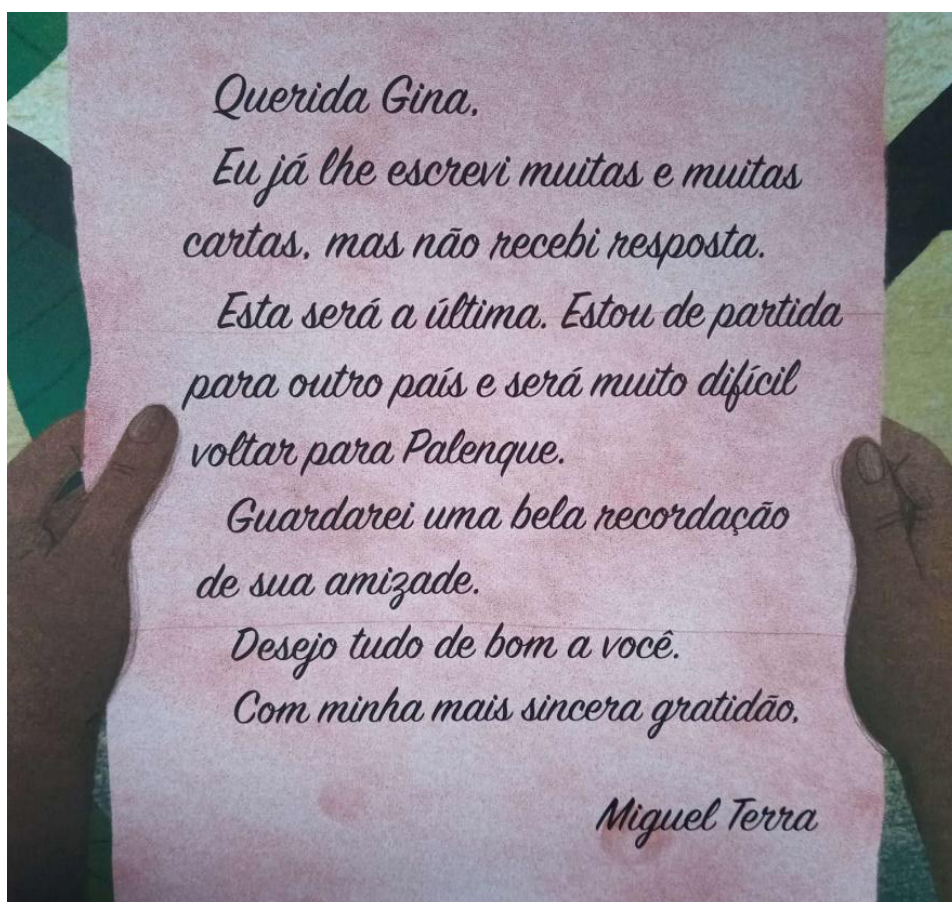
Equipe do projeto *Cadernos Temáticos do LEH*.

APRESENTAÇÃO

LENDO, ESCRREVENDO E CANTANDO
HISTÓRIAS DE EMPODERAMENTO

Lisiane Sias Manke





A carta ilustrada acima é parte da história que constitui o livro literário “Letras de Carvão”, de Irene Vasco e Juan Palomino, que líamos sempre que iniciávamos a oficina “Leitura, Escrita e Cultura Afro-brasileira”, com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Na história ficcional, uma menina de uma comunidade quilombola busca estratégias para aprender a ler e escrever, pois, mesmo que as letras estivessem por toda parte, nos jornais velhos e nas embalagens, ninguém sabia decifrá-las naquela pequena comunidade. A menina, irmã de Gina, aprende a ler com o dono da mercearia, seu Veloso, o único que sabia ler na localidade. E, então, passou a usar pedaços de carvão para riscar no chão as letras que

ensinava aos demais. Depois que sua irmã Gina aprendeu a ler, recebeu a última carta de Miguel Terra, que, diferente das anteriores, indecifráveis frente ao analfabetismo, foi lida em cima do galho de uma mangueira. Esta seria justamente a carta de despedida do jovem médico que havia passado pela comunidade de Palenque.

O silêncio durante a leitura, o brilho nos olhos dos/das estudantes, os aplausos ao final da leitura, eram motivações para darmos início às reflexões a que nos propúnhamos. Assim, tratamos da Educação como direito de todos/as; da ausência de instituições escolares até, pelo menos, meados do século XX, para atender as classes populares; das pesquisas que indicam que, mesmo diante da ausência dessas instituições e da não garantia do direito à Educação, muitos indivíduos, a exemplo dos escravizados¹, encontraram estratégias para aprender a ler e a escrever; da luta do movimento negro no pós-abolição pelo acesso à Educação². Após esse momento inicial, convidamos os/as jovens para conhecerem personalidades com significativa relevância para a afirmação da identidade negra, assim como para observar a representatividade negra nas histórias em quadrinhos, expressivas na luta contra a opressão racial.

Ao considerarmos que a negritude se manifesta em diversas formas de expressão artística, incluindo a literatura e a música, as quais podem desempenhar importante papel no fortalecimento da consciência racial e na luta por igualdade, convidamos os/as estudantes para se dividirem em três grupos. Um dos grupos se ocuparia com a tarefa de conhecer a trajetória da escritora Carolina

1. Para saber mais, consultar Peres (2020 e 2021).

2. A esse respeito, consultar Fonseca (2016).

Maria de Jesus e ler excertos do seu livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”. Outro grupo se dedicaria a refletir sobre a representatividade negra nas histórias em quadrinhos, tomando alguns super-heróis/heroínas como exemplo prático para as problematizações acerca do perfil social desses personagens. Por fim, o último grupo se voltaria para a música, a partir da trajetória de alguns/algumas artistas e do sentido de suas produções, incluindo desde o estilo musical do disco “O Canto dos Escravos”, gravado pelos sambistas Geraldo Filme, Clementina de Jesus e Doca, até a alquimia rítmica de Jorge Ben Jor. Por fim, a atividade seria finalizada com o reencontro dos três grupos e a socialização das produções realizadas pelos/as alunos/as durante as oficinas. Entre as produções, estava a criação de personagens de histórias em quadrinhos; a produção de livretos com a releitura do diário de Carolina Maria de Jesus; ou ainda, a composição de letras de música ou poesias.

Portanto, esta edição dos Cadernos Temáticos do LEH resulta destas atividades, desenvolvidas no âmbito do Programa Residência Pedagógica (2022-2024), subárea História, da Universidade Federal de Pelotas. Entre as diversas experiências possibilitadas pelo Programa, destacamos a criação coletiva da oficina temática “Leitura, Escrita e Cultura Afro-brasileira”, que ora é readequada para a construção das três propostas pedagógicas que constituem este caderno temático. Tais atividades pedagógicas se propõem a abordar a história e a cultura afro-brasileira em diálogo com os modos de agir e resistir de atores sociais negros, de pessoas negras, que transformaram suas experiências e vivências em expressões

artísticas, e desse modo nos sensibilizam e convidam à reflexão em prol da valorização da cultura afro-brasileira.

Em termos metodológicos, as propostas pedagógicas que constituem o caderno apresentam abordagens, recursos e atividades que contemplam estratégias para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da interpretação histórica, uma vez que o desenvolvimento da competência leitora passa pela exposição a diferentes gêneros textuais; pela apresentação atrativa e motivadora do que é dado a ler; pela valorização dos conhecimentos prévios dos/das estudantes; pelo significativo papel dos/das mediadores/as da leitura, que criam estratégias de aproximação dos textos, o que contribui para a compreensão e interpretação do que é dado a ler (Solé, 1998). A atuação de leitores ativos, capazes de produzir significados próprios a respeito do que leem, possibilita a escrita como um ato social, carregado de sentidos sobre si e sobre o mundo.

O empoderamento social, que resulta em espaço e condições sociais para grupos que historicamente enfrentaram discriminação e opressão, decorre também da participação ativa dos indivíduos na cultura escrita. Nesse sentido, a capacidade de expressão escrita e interpretação crítica do que é lido se torna ferramenta de capacitação e emancipação. Ou seja, em uma sociedade na qual, majoritariamente, as relações perpassam a cultura escrita, o ler e o escrever permitem a aquisição de novos conhecimentos, a crítica social e a maior autonomia de pensamento, para citar apenas alguns exemplos. Como bem nos ensina Paulo Freire (1989), a capacidade de questionar as estruturas de poder existentes e de lutar por mudanças sociais, políticas e culturais, passa pelo ato da

leitura. Para tanto, precisa haver uma relação imprescindível entre o contexto e o texto, pois “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p.9).

O domínio da leitura e da escrita tem se apresentado como um desafio para os/as estudantes nas escolas públicas brasileiras, como relatam os/as professores/as com quem convivemos, em concordância com o que indicam as avaliações externas de desempenho da leitura, formuladas pelo Ministério da Educação³. Assim, é relevante compreender que, nos processos de ensino e aprendizagem da disciplina de História, não se deve negligenciar o cuidado com práticas que contribuam para o desenvolvimento da capacidade de leitura e escrita, que resultem na interpretação dos conhecimentos históricos, para o desenvolvimento da consciência histórica (RÜSEN, 2011). Diante de tais concepções teóricas e pedagógicas, esperamos contribuir, de algum modo, para a formação de uma sociedade com mais acesso e valorização aos bens culturais, formas de existência e resistência diante das mazelas sociais, assim como para o “esperançar” de uma sociedade sem preconceitos de gênero, classe e raça.

3. “Dos estudantes brasileiros, 51% ficaram abaixo do nível 2 em leitura, patamar mínimo necessário para o pleno exercício da cidadania, segundo a OCDE” (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. BRASIL, 2019, p. 11).

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização. **PNA**. Política Nacional de Alfabetização/Secretaria de Alfabetização. Brasília: MEC, SEALF, 2019. 54 p.

FONSECA, Marcus Vinícius. **A história da educação dos negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 23. ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

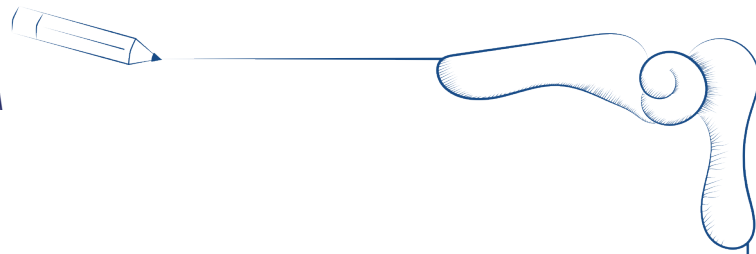
PERES, Eliane. A aprendizagem da leitura e da escrita entre negras e negros escravizados no Brasil: as várias histórias dos “sem arquivos”. **Cadernos de História da Educação**, 19(1), 2020.

PERES, Eliane. **Como Marias aprendem a ler? Mulheres e aprendizagens da leitura e da escrita (séculos XIX e XX)**. Curitiba: CRV, 2021.

RÜSEN, Jörn. Aprendizado Histórico. In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora; BARCA, Isabel; MARTINS, Estevão de Rezende (orgs.). **Jörn Rüsen e o ensino de história**. Curitiba: Ed. UFPR, 2011.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

VASCO, Irene; PALOMINO, Juan. **Letras de Carvão**. São Paulo: Ed. Pulo do Gato, 2016.



PROPOSTA PEDAGÓGICA 1

ENSINO DE HISTÓRIA E LITERATURA

Caroline Melo Armesto
Gabriela Muller Rubira da Costa
Isadora Lebedeff Camargo
Larissa Azevedo da Silva
Silvia dos Santos Aldrighi
Simone Weber Cardoso Schneider



Título da Atividade: “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia”: sentidos sociais da leitura e da escrita.
Público-alvo: estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental.
Objetivos: trabalhar com a história da leitura, suas apropriações pelas minorias no país, dando visibilidade à obra de uma mulher negra escritora. Traçar relações entre elementos destacados na obra “Quarto de despejo” e o contexto sócio-histórico de produção do texto. Contribuir para o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita dos/das estudantes.
Relação com a BNCC: (EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas. (EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados. (EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil. (EF09HI26) Discutir e analisar as causas da violência contra populações marginalizadas (negros, indígenas, mulheres, homossexuais, camponeses, pobres etc.) com vistas à construção de uma cultura de paz, empatia e respeito às pessoas.
Duração da atividade: 8 períodos de 50 minutos cada.
Materiais e/ou equipamentos necessários: PowerPoint, computador, livro infantil “Letras de Carvão”, livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”.

1. INTRODUÇÃO

O trabalho com a literatura nos processos de ensino e aprendizagem de história possui múltiplas potencialidades. Como bem pontua Blanch (2013), a literatura nas aulas de história pode ser tratada como uma fonte e um recurso para a construção de conhecimento histórico. Além disso, a literatura permite análise e desenvolvimento das habilidades leitoras (Solé, 1998), por meio de práticas de leituras silenciosas e/ou orais em sala de aula. Assim, compreendemos que as narrativas literárias podem ser aliadas do/da professor/a para a criação de aulas de história mais significativas e comprometidas com abordagens que lancem luz sobre as populações marginalizadas que compõem o cenário social do país.

Entre as possibilidades oferecidas pelo texto literário, está a apropriação da obra como fonte para compreensão de determinado período, auxiliando o/a professor/a a contextualizar a época a ser estudada. Nesse caso, o/a educador/a pode observar, em conjunto com os/as estudantes, quem é o autor da obra, quando a escreveu, sobre qual tema gira a narrativa, o que é dito e também aquilo que é silenciado. Ainda é possível lançar mão do texto literário para tratar das diferentes “vozes” sociais que compõem determinado período histórico, ou mesmo tratar de conceitos ou acontecimentos históricos que perpassam o enredo literário, como no caso da presente proposta pedagógica, que propõe abrir o espaço da sala de aula para vozes silenciadas das minorias que compõem o país e que ganham visibilidade em construções narrativas literárias.

A história da leitura e da escrita nos mostra um quadro de resistência por parte das populações marginalizadas, que buscaram

estratégias de participação na cultura escrita, a exemplo do pós-abolição, quando negros e negras encamparam a luta pela Educação, como forma de mudança social.¹ Na história do Brasil, pessoas como Carolina Maria de Jesus, mais especificamente na obra “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, usaram a escrita e a leitura como forma de denúncia e resistência social. Carolina, ao ler e escrever, não se desvinculou de sua leitura de mundo e da comunidade onde estava inserida; pelo contrário, utilizou-se da produção escrita como forma de denúncia e resistência à realidade em que vivia. Assim, demonstra que ler e escrever são necessariamente um exercício que envolve hábitos, gestos e espaços, que produzem sentidos, conforme discute Chartier (1991). Ainda, a leitura é uma prática que registra e “expressa aspectos múltiplos do complexo, diversificado e conflituoso campo social no qual se insere e sobre o qual se refere” (Borges, 2014, p. 98). Portanto, ao estudar a obra de Carolina Maria de Jesus, também tomamos conhecimento do meio no qual a autora vivia ao produzir o manuscrito da obra.

De modo mais específico, no que se refere às apropriações possíveis do livro “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, no qual Carolina Maria de Jesus narra sua vida como leitora e escritora na favela do Canindé, é possível pensar em diversas dimensões que podem ser estudadas durante as aulas de história; entre elas, a análise da vida social da autora, como mulher negra que viveu no Brasil durante o século XX e sofreu o preconceito racial, social, a exemplo do cerceamento das pessoas marginalizadas nas favelas, ou, como a autora nomeia as vilas, no “quarto de despejo”. Nesse sentido, o/a professor/a de história pode pensar, com os/

1. Sobre o tema consultar: Fonseca e Barros (2016).

as estudantes, questões como o racismo, a marginalização das comunidades negras, a criação das favelas e as carências sociais dessas populações, problematizando as raízes históricas do preconceito e da pobreza das populações negras no Brasil.

A obra de Carolina Maria de Jesus também pode ser observada pela ótica do gênero literário, por se constituir como diário. A escrita de diários pode ser motivada entre os/as estudantes, considerando as especificidades e potencialidades para uma escrita sensível sobre o cotidiano e o mundo que nos rodeia. Como exemplo, temos a construção da identidade de Carolina Maria de Jesus, uma mulher negra que vivia em situação de extrema pobreza e que se apropriou de forma singular da escrita, tendo em conta o que afirma: “Quando eu não tinha nada o que comer, em vez de xingar eu escrevia” (Jesus, 2014, p. 195).

A sequência desenvolvida na presente proposta pedagógica busca a análise da obra e da vida de Carolina Maria de Jesus, assim como a leitura de diferentes tipos de textos “para pensar na sua escrita, linguagem e leitura” (Borges, 2014, p. 94). A sequência foi desenvolvida para ser trabalhada com estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental. Nessa direção, as atividades a seguir possuem como proposta o debate, a apropriação, a realização de leituras e atividades que estimulem os/as alunos/as a pensarem na importância do domínio da leitura e da escrita, assim como na relevância da representatividade negra na literatura, como forma de resistência e empoderamento social, ao denunciar a desigualdade social, ou mesmo, ao ampliar a visibilidade da contribuição de negros e negras para a construção de nossa sociedade.

2. ATIVIDADES

2.1. Primeiro encontro: empoderamento social a partir da leitura e da escrita

Tempo previsto: 90-100 minutos (duas aulas).

No primeiro momento do encontro, sugerimos a leitura oral do livro literário “Letras de Carvão”,² de Irene Vasco e Juan Palomino, seguida por uma breve exposição dialogada sobre a importância social da leitura, da escrita e das estratégias encontradas, para ler e escrever, por diferentes populações, que não tiveram acesso à escola. Seria interessante organizar uma roda de conversa para explorar as experiências pessoais dos/das estudantes relacionadas a esses dois elementos. As questões que seguem podem ser levantadas para direcionar a discussão:

- Você já teve alguma experiência pessoal em que a leitura ou a escrita desempenharam um papel importante em sua vida?
- Como você acha que a capacidade de ler e escrever poderia impactar a vida das pessoas em nossa comunidade?
- Você conhece alguma história inspiradora de alguém que superou dificuldades através da educação, ou mesmo do uso que fez da escrita?

2. Sugerimos que o/a professor/a leve o livro impresso para a sala de aula, para que os/as estudantes possam ter uma experiência de leitura mais completa, talvez seja possível encontrar o livro na biblioteca da escola ou em bibliotecas públicas.

- Você já se sentiu representado ou inspirado por algum personagem de livro? Qual foi a experiência?

O propósito desta atividade é promover a reflexão sobre a relevância da leitura e da escrita, como ferramentas essenciais para que os/as educandos/as expressem suas ideias, compreendam o mundo ao seu redor e afirmem suas vozes. A leitura proporciona acesso a diversas perspectivas, experiências e conhecimentos, enquanto a escrita permite a articulação e compartilhamento de tais experiências, para se dar apenas um exemplo, entre os tantos usos sociais e pessoais da leitura e da escrita.

Para introduzir a próxima atividade, sugerimos que se leve ao conhecimento dos/das estudantes a reportagem feita com Carolina Maria de Jesus, publicada no jornal “O Cruzeiro”.³ Carolina, uma mulher com pouca escolaridade, demonstrou, por meio de sua escrita, a capacidade de revelar as profundas questões de desigualdade social e racial presentes em nossa sociedade. Suas palavras não apenas denunciaram essas injustiças, mas também levantaram questionamentos sobre as complexidades dessas questões, evidenciando a importância da leitura e da escrita como instrumentos poderosos de conscientização e transformação social.

3. Link da reportagem: <<https://mdfranceschi.wordpress.com/2017/12/22/a-reportagem-que-revelou-carolina-maria-de-jesus-ao-brasil/>>, acessado em 20/03/2024.

2.2. Segundo encontro: conhecendo Carolina Maria de Jesus

Tempo previsto: 90-100 minutos (duas aulas).

Para o segundo encontro, estão disponíveis slides (Conhecendo Carolina Maria de Jesus⁴) que podem ser utilizados como recurso para uma aula expositiva dialogada sobre a trajetória de vida da autora Carolina Maria de Jesus e o contexto histórico dos anos 1960.

Inicialmente, o/a professor/a pode motivar os/as estudantes a exporem seus conhecimentos prévios sobre a autora e o contexto histórico da obra. Nesse momento, o título do livro, “Quarto de despejo: diário de uma favelada”, pode ser discutido com os/as alunos/as, incentivando-os/as a apresentarem o que já conhecem sobre ele ou levantarem hipóteses sobre o tema da obra.

Após esse momento inicial, o/a professor/a deve suscitar o debate sobre a trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus⁵ e o retrato que a autora faz da realidade vivenciada pelos moradores da favela do Canindé nos anos 1950 e 1960. Os slides apresentam alguns recursos para análise do contexto histórico em que a obra foi escrita. A frase da autora Conceição Evaristo (*slide 5*) pode suscitar o debate sobre o papel das mulheres negras na sociedade, principalmente, em relação à falta de acesso dessas mulheres à escolarização. A

4. Link para acesso aos slides:

<https://drive.google.com/file/d/1k-DwczmOYHQjPs2hqXD6bMM68XUKfhO9/view>

5. Carolina Maria de Jesus além de escritora e poetisa, também foi compositora e cantora, tendo gravado o disco “Quarto de Despejo”, em 1961.

partir da imagem da favela do Canindé, em São Paulo, e o trecho da entrevista da autora sobre o título do livro (*slide 6*), é possível apresentar para os/as estudantes a realidade que Carolina vivenciava como moradora da favela e discutir sobre o contexto histórico do período, os altos níveis de inflação, o processo de urbanização das cidades, devido ao qual os moradores mais pobres de São Paulo foram colocados à margem da cidade. Com esse cenário, pode-se discutir o contexto de criação das favelas, os reflexos do período pós-abolição e o racismo estrutural da sociedade brasileira. É importante evidenciar, para os/as alunos/as, a importância da leitura e da escrita na vida de Carolina e que foi a partir dos seus escritos que a autora conseguiu dar voz e retratar a fome, a miséria, o preconceito e a desigualdade social que as pessoas da periferia vivenciavam.

Por fim, o/a professor/a pode abrir espaço para que os/as estudantes conversem sobre pessoas que eles conhecem que utilizam a escrita e/ou a arte como forma de denúncia e resistência.

2. 3. Terceiro encontro: leitura e análise de trechos do livro “Quarto de despejo”, por Carolina de Jesus, e do livro “Carolina”, por João Pinheiro e Sirlene Barbosa

Tempo previsto: 90-100 minutos (duas aulas).

No terceiro encontro, propomos um momento de leitura silenciosa, com a qual os/as estudantes terão a possibilidade de exercitar a

capacidade leitora, ao lerem excertos da obra de Carolina de Jesus.⁶ Esta prática terá por objetivo provocar reflexões nos/nas educandos/as quanto à trajetória de vida da autora, com destaque para as questões sociais denunciadas por ela em seu livro “Quarto de despejo”. Além desta obra, também sugerimos a leitura de trechos do livro “Carolina”, de autoria de João Pinheiro e Sirlene Barbosa, que conta a história da autora na forma de quadrinhos.

Os trechos dos dois livros, que foram previamente selecionados, estão disponíveis no drive:⁷ A intenção é de que esses textos sejam capazes de provocar ponderações quanto à sociedade e ao contexto histórico vivido por Carolina, além de comparações com a sociedade atual. Para tanto, foram observados, no conteúdo desses excertos, elementos tais como: o racismo, a desigualdade social, a violência social, e a importância do letramento.

A proposta é de que sejam lidos quatorze trechos, sendo sete do livro “Quarto de despejo” e sete do livro “Carolina”. Cada estudante receberá dois trechos, sendo um de cada livro. Os trechos deverão ser distribuídos de forma aleatória para a turma.

Num primeiro momento, os/as educandos/as deverão realizar uma leitura silenciosa dos dois trechos entregues. Posteriormente, o/a

6. Sugerimos que a leitura dos trechos selecionados para esta atividade possa ser realizada, na medida do possível, nas próprias obras, “Quarto de Despejo” e “Carolina”. Ainda recomendamos que, ao menos, como atividade complementar, os livros sejam lidos na íntegra, podendo ser localizados na biblioteca da escola, bibliotecas públicas, sebos, livrarias virtuais e físicas, ou mesmo, emprestados à turma para leitura.

7. Link de acesso aos trechos dos livros: <https://drive.google.com/file/d/1v23843E7K41nOzNLOq9cjet5pujEZ6Ox/view>

professor/a deverá solicitar aos/às estudantes que identifiquem e marquem elementos histórico-sociais presentes nos textos lidos, tais como: prática de racismo, o papel da mulher, violência social, desigualdade social, o sentido da leitura e da escrita para a autora. Os/as estudantes precisarão indicar partes do texto que gostariam que fossem lidos oralmente, incluindo as partes marcadas por eles/elas, que apresentam as questões citadas acima. Na sequência podem compartilhar as partes do texto que se destacaram, e o/a professor/a poderá motivar o debate a partir de dois elementos:

- a relação entre passado e presente, permanências e continuidades, que permeiam as realidades sociais.
- em qual medida a leitura e a escrita se apresentam como práticas de resistência, de denúncia, ou mesmo como “fôlego” de sobrevivência a determinadas realidades sociais.

Para isso, é necessário que o/a professor/a leia previamente todos os trechos dos livros e busque identificar os elementos destacados, a fim de que se coloque como mediador/a do debate e ainda possa indicar os trechos em que se identificam as questões destacadas, caso os/as estudantes não consigam reconhecê-los. Caberá também ao/à docente identificar o ritmo da turma e ponderar o tempo correto para cada momento da atividade de leitura.

2. 4. Quarto encontro: debate e a escrita do livreto ilustrado

Tempo previsto: 90-100 minutos (duas aulas).

A última atividade desta sequência didática prevê a retomada de questões que foram discutidas nos encontros anteriores, além de uma produção escrita pelos/pelas estudantes. Sugerimos que, ao retomar aspectos da trajetória de vida de Carolina Maria de Jesus, sejam também destacadas as características do gênero textual diário. Para tanto, podem ser consideradas questões norteadoras para o debate, tais como: Por que a autora escrevia um diário? Você já escreveu ou escreve em um diário? O que se escreve em um diário? Assim, é possível chamar a atenção dos/das estudantes a respeito da escrita do gênero textual diário. Ainda é possível apresentar questões norteadoras que ajudem a retomar o conteúdo trabalhado, bem como auxiliar na produção escrita, que será solicitada, tais como: Vocês acreditam que a leitura seja importante? Por quê? Por qual razão a autora escrevia? Ao lerem/ouvirem o livro literário “Letras de Carvão”, vocês perceberam alguma relação entre a obra e o livro “Quarto de despejo”? Em caso positivo, qual seria essa relação?

Após este debate, será entregue aos/às estudantes um livreto ilustrado⁸ - com imagens do cotidiano da autora Carolina, nas quais é representada sua vida na favela. Cada aluno/a deverá escrever,

8. Link de acesso ao Livreto:

<https://drive.google.com/file/d/1jkETMH1enQIsPbVoizT33v410s-VXoNQ/view>

Instruções de impressão do livreto:

1) Imprima o material conforme está disposto. Utilize folha A4 e selecione o modo “paisagem”.

em forma de diário, sobre a vida de Carolina de Jesus e sobre o que conheceram sobre sua trajetória, podendo usar todo o material que lhes foi entregue para realizar a atividade proposta.

Sugestão de enunciado para a atividade escrita:

Com base no que vocês aprenderam sobre a história de Carolina Maria de Jesus e sobre o gênero literário “diário”, utilizando as ilustrações presentes neste livro, desenvolvam uma narrativa em primeira pessoa, em formato de diário, contando sobre a história de luta e resistência desta autora. Lembre-se: vocês devem observar as imagens e escrever a partir delas.

A atividade tem o propósito de demonstrar as dificuldades que Carolina de Jesus enfrentou, vivendo na favela, e como se apropriou da leitura e da escrita como forma de resistência e sobrevivência. A proposta é fazer com que os/as alunos/as compreendam a diversidade da escrita e ampliem sua imaginação, pois, mesmo que estejam escrevendo a partir do que aprenderam durante a oficina, estarão criando sua própria história a partir de seus entendimentos.

2) Use a impressão frente e verso, se disponível. Caso sua impressora não tenha a função, imprima todo o material e, ao final, insira na bandeja as folhas anteriormente impressas com o lado em branco voltado para baixo.

3) Por último, retire o material da impressora, dobre as folhas ao meio e grampeie no centro para que as páginas fiquem na ordem correta ao folhear.

QUER SABER MAIS SOBRE O TEMA?

LEIA:

PERES, Eliane. **Como Marias aprendem a ler?** Mulheres e aprendizagens da leitura e da escrita (séculos XIX e XX). Curitiba: CRV, 2021.



ASSISTA:

Carolina (série de vídeos). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=suXFzxNDA6U&t=28s&ab_channel=Hist%C3%B3riaPreta



OUÇA:

Carolina Maria de Jesus - **Quarto de Despejo** (1961) Álbum



REFERÊNCIAS

BARBOSA, Sirlene; PINHEIRO, João. **Carolina**. São Paulo: Veneta, 2018.

BORGES, Valdeci Rezende. História e literatura: algumas considerações. **Revista de Teoria da História**, Goiânia, v. 3, n. 1, p. 94–109, 2014.

BLANCH, J. P. As fontes literárias no ensino de História. **OPSIS**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 33-42, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufcat.edu.br/Opsis/article/view/19966>>. Acesso em: 7 mar. 2024.

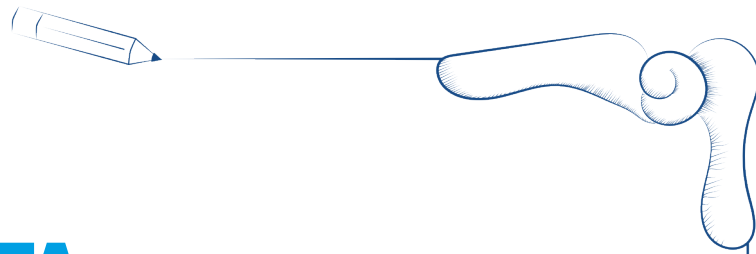
CHARTIER, Roger. **A História Cultural – entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Memória Sociedade, Difel, 1991.

FONSECA, Marcus Vinicius; BARROS, Surya A. P. de (orgs). **A História da Educação dos Negros no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2016.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 2004.

PERES, Eliane. **Como Marias aprendem a ler? Mulheres e aprendizagens da leitura e da escrita (séculos XIX e XX)**. Curitiba: CRV, 2021.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. Porto Alegre: Artmed, 6ª ed., 1998.



PROPOSTA PEDAGÓGICA 2 ENSINO DE HISTÓRIA E MÚSICA

Chelsea Couto
Gabriel Luan Ribeiro de Medeiros
Matheus Goulart Tanhote
Patrick de Oliveira Colvara
Rosana Botelho G. Ostermann
Ryan dos Santos Cardoso
Sofia Giglio Pires



Título da Atividade: Expressões da música negra brasileira

Público-alvo: estudantes do 8º e 9º Anos do Ensino Fundamental

Objetivos:

- Trabalhar o conceito de negritude por meio da música brasileira, assim como os processos históricos de luta e resistência da comunidade negra, representados em diferentes gêneros musicais.
- Discutir elementos da cultura afro-brasileira, ressaltando sua importância e influência para a estruturação da sociedade brasileira.

Apresentar os processos históricos do período de escravização de pessoas negras e pós-abolição, relacionando-os com a atualidade de forma a identificar os processos de permanência de preconceitos e violências que as populações negras sofrem.

- Discutir a importância das mulheres negras na história e na música afro-brasileira.
- Identificar os processos que levaram ao surgimento do samba, percepções acerca desse estilo para a sociedade em que aflorou, sua importância e demais gêneros musicais que surgiram a partir desse estilo musical.

Relação com a BNCC:

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF08HI22) Discutir o papel das culturas letradas, não letradas e das artes na produção das identidades no Brasil do século XIX.

(EF09HI03) Identificar os mecanismos de inserção dos negros na sociedade brasileira pós-abolição e avaliar os seus resultados.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI09) Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

Duração da atividade: 8 períodos de 50 minutos (2 períodos por atividade).

Materiais e/ou equipamentos necessários: PowerPoint, letra das músicas impressas, caixa de som, lápis ou caneta e folha de papel.

1. INTRODUÇÃO

Ao considerar a aula de história como um tentáculo de valorização cultural, esta proposta pedagógica propõe o reconhecimento de figuras negras na cultura brasileira, em especial no movimento musical. Sabe-se que a música produzida por pessoas negras expressa aspectos das subjetividades dessas identidades, nas quais corpo, gestos e letras podem ser percebidos. Nessa perspectiva, há uma relação entre comunicação e conhecimento que permeia a música, apresentando potencialidades para as aprendizagens históricas no que tange à negritude.

Ensinar história possibilita a investigação de diversos aspectos da vida humana, das formas de trabalho e das relações sociais e culturais. Nesse sentido, a arte e a música podem auxiliar na investigação e na compreensão dos processos sócio-históricos. A música afro-brasileira é forte representante de manifestações culturais, porque revela padrões sociais; a música que alegra e diverte também é fonte histórica e ponte que oportuniza enxergar o outro e a nós mesmos.

Assim, “a cultura negra nas Américas se desdobrou numa pluralidade e multiplicidade de expressões culturais que reposicionou o estilo negro onde a ‘África’ é ponto de partida e de chegada” (Azevedo, 2018, p. 46). Portanto, as representações artísticas no Brasil são percebidas em relação com outras culturas, entre elas, a cultura africana e suas dispersões da diáspora, havendo assim ligação histórica do samba, Funk, MPB e Rap com estratégias do povo negro em valorizar sua cultura. Considerando este contexto, buscando dialogar com as práticas de ensino e aprendizagem de

história na Educação Básica, a Oficina Representatividade Musical Afro-brasileira emerge como uma proposta sensível para refletirmos sobre o racismo estrutural, a discriminação de gênero, a criminalização de aspectos pertinentes à religião de matriz africana, à valorização do legado e da luta do povo negro.

Neste viés, a música é percebida como um produto cultural de nosso país, que, na sua complexidade, representa visões de mundo e representações do cotidiano, as quais expressam descontentamentos e movimentos de resistência de determinados grupos. Nessa direção, podemos pensar que, do ponto de vista da expressão destas manifestações, “no Brasil, a música popular é especialmente importante porque, para a maioria da população, as formas de comunicação oral são muito mais fortes que a escrita” (Abud; Glezer, 2004, p. 12).

Partindo do uso de fontes históricas variadas, cria-se a possibilidade de desvendar acontecimentos, muitas vezes não bem compreendidos pelos/pelas educandos/as, e as letras de músicas, mediadas pelo/pela professora, podem trazer à tona discussões importantes na sala de aula. As músicas seriam os elementos constitutivos que expressam uma historicidade, que, se bem trabalhadas e relacionadas, beneficiam positivamente o processo de aprendizagem dos/das estudantes.

Nesta abordagem, usa-se da música na aula de história para que o/a aluno/a possa compreender por que motivos as pessoas do passado agiram de determinada forma e por que sujeitos do presente reivindicam direitos sociais, por meio da música, usando

referências de contextos históricos e culturais para dar significado a suas letras. Partindo da abordagem da música como um produto cultural, busca-se fazer com que a Lei 10.639/03 se torne realidade, ao associar o ensino da cultura afro-brasileira e africana com o contexto histórico brasileiro, levando em conta a música como material de apoio para que o/a aluno/a possa perceber o contexto social através da musicalidade produzida por pessoas negras (Trindade, 2015, p.4).

Sendo assim, a música em sala de aula pode ser uma possibilidade para o/a educador/a propor aos/às estudantes um espaço de reflexão, tendo uma aula formativa sobre a história e as representações da música negra brasileira, podendo, a seguir, criar novas problemáticas e reflexões sobre o campo social. Desse modo, ao pensar em formas de usar a música produzida por pessoas negras como aparato para as aulas de história, deve-se pensar na interação do conteúdo com a realidade social do/da aluno/a, já que, possivelmente, os/as estudantes têm intensa relação com a música em seu cotidiano. Portanto, ao fazer uso desta proposta, o/a educador/a deve levar o/a aluno/a a analisar o meio social em que está inserido e do qual participa, a fim de traçar uma releitura de seu país, considerando realidades outras que lhe são apresentadas.

2. ATIVIDADES

2.1. Primeiro momento: A Construção da liberdade e o papel da música como possibilidade de conhecimento acerca da população negra

A primeira atividade foi pensada para contextualizar o período brasileiro correspondente ao processo de abolição, levando em consideração o contexto escravagista, em especial no que se refere às formas de resistência. A partir de uma aula expositiva dialogada, com uso de slides¹ opcionais, o/a educador/a irá introduzir conceitos históricos sobre a escravidão e abolição, e a música Canto II² da cantora Clementina de Jesus poderá ser apresentada à classe, a fim de despertar reflexões sobre o papel da música na história das pessoas negras e da influência deste grupo social na construção da musicalidade brasileira.

Inicialmente, recomenda-se que o/a professor/a questione os/as estudantes sobre como eles/elas imaginam o processo de abolição da escravidão no Brasil, perguntando:

O que vocês sabem sobre a abolição da escravidão em nosso país? Como ela foi reivindicada pelas pessoas negras?

Essas questões têm, como intuito, compreender se os/as alunos/as conseguem perceber a agência das pessoas negras nesse processo histórico. Para tanto, o/a professor/a poderá lançar mão do texto

1. Slides sobre Música Negra Brasileira: https://www.canva.com/design/DAGRzsV9_w4/byDeskCpaO-eIRAWMGYWGQ/edit?utm_content=DAGRzsV9_w4&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

2. Link da música O Canto dos Escravos - Canto II.

de apoio “*A comunidade negra no pós-abolição*”,³ problematizando como a abolição teve papel diferente na vida de pessoas negras e brancas; mostrando que as relações sociais no período não caminharam para uma plena igualdade.

A seguir, propõe-se que o/a professor/a distribua uma cópia da letra da música da cantora Clementina de Jesus, intitulada “Canto II”. A música poderá ser ouvida inteiramente. Depois disso, a letra poderá ser analisada com a mediação do/da professor/a, considerando o conteúdo tratado anteriormente. O/a professor/a poderá destacar a ligação do continente africano com o Brasil, por meio da música ouvida, de modo a tratar das estratégias utilizadas para manter viva a cultura africana e, com isso, ressaltar a importância da oralidade e da musicalidade nesse processo.

3. Texto de apoio “*A comunidade negra no pós-abolição*”: <https://drive.google.com/file/d/1KjLOz5iX47Xd08bFqTB3-EnKPnILOE0Y/view?usp=sharing>

O mundo musical constituiu um amplo campo de possibilidades para os estudos sobre a experiência africana e escrava no Brasil, Abreu (2015) considera que as canções escravas foram parte estruturante das sociedades escravistas americanas, podendo ser de suma relevância para reconhecer estratégias de resistência contra as políticas de repressão. Já no pós-abolição acerca de conservar o legado e a memória dos ex-escravizados a música pode ser colocada como pauta a valorizar a cultura africana e a perceber como algo presente na cultura artística brasileira. Resgatar a canção dos ex-escravizados, chamada de “som do cativo”, é de suma importância para a aula de história, e ao ser usada possibilita ao/a aluno/a perceber como a música alimentou a sobrevivência e a luta cultural desse povo, sendo um importante aparato pedagógico.

Referência:

ABREU, Martha. O legado das canções escravas nos Estados Unidos e no Brasil: diálogos musicais no pós-abolição. **Revista Brasileira de História**, v. 35, p. 177-204, 2015.

Após ouvir a música, compreende-se a necessidade de contextualização do gênero musical ouvido, bem como a importância e o sentido dessas cantigas para a população escravizada, destacando o que eram as cantigas denominadas “vissungos”. O intuito desse momento é fazer com que os/as estudantes percebam o papel desse tipo de canto no trabalho dos escravizados, como esse tipo de gravação nos possibilita perceber de que modo esses sujeitos falavam e articulavam os seus idiomas com os idiomas impostos a eles ao chegarem ao Brasil.

VISSUNGOS

A música denominada de vissungo é uma cantiga de trabalho oriunda das pessoas negras bengaleses, e por meio dela é “possível compreender como os escravos negociavam as línguas vindas da África Central e Portugal, numa zona de fronteira. Por meio dos vissungos expressavam a experiência da escravidão e seus desdobramentos.” (AZEVEDO, 2016, p. 241)

Nessa perspectiva a música possibilita analisar a prática do trabalho escravo e como a cultura permaneceu viva por meio do canto, sendo os vissungos definidos apenas como “cantiga”, “cantigas”, “canto”. Do umbundo o vissungo, significa ochisungu, cantiga, cântico. Considerando o canto II em especial, podemos perceber que há uma pronúncia particular, na qual há palavras pronunciadas em português, juntamente a outra língua. E ao longo da música é percebido a ligação dos negros ao quilombo, local este associado como algo ligado a experiência da liberdade, nessa proposta podemos trabalhar de forma didática como os quilombos e organizações negras foram de suma importância para os cativos, e também no pós-abolição. (LOPES, 2003, p. 222).

Assim, Azevedo (2016) afirma que a música ao expor o “querer fugir para o quilombo do Dumbá” expressa o desejo da conquista de liberdade. Sendo o quilombo um local de refúgio, a experimentação de uma sociabilidade antiescravista. De modo que se nota a relação do cativo e da liberdade (algo que o povo negro sempre buscou), a liberdade no canto é mencionada como um quilombo, sendo o espaço onde as pessoas negras podiam viver livre.

O/a professor/a poderá apropriar-se de uma parte específica da letra da música a fim de compreender a importância da música para a população negra. Como exemplo, o trecho:

*Muriquinho piquinino, ô parente muriquinho piquinino de
qui samba no cacunda purugunta adonde vai pru quilombo
do Dumbáei chora-chora mgongo ê de vera chora, mgongo,
chora (bis).*

Nesse momento, ao retomar o canto, o/a professor/a pode articular a discussão a fim de que os/as estudantes percebam a letra da música como uma representação da resistência escrava, no estado de Minas Gerais. O objetivo é ressaltar a relevância da ação dos escravizados como sujeitos históricos, que se movimentavam e usavam da música como uma possibilidade de articular a cultura trazida do continente africano com a realidade vivenciada no Brasil.

Também neste momento dedicado à análise do Canto II, o/a professor/a poderia propor questões para ampliar a compreensão da letra da música, perguntando:

*Quais palavras da música você diria que estão sendo pronun-
ciadas de forma errada?*

A partir das respostas apresentadas pelos/pelas estudantes, é possível discutir o sentido do conceito de “Pretuguês” da filósofa Lélia Gonzalez (1984), que evidencia que a sociedade brasileira possui resquícios da cultura africana trazida pelos escravizados, nela presentes até hoje.

Pretuguês: conceito cunhado por Lélia Gonzalez



O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo e também a ausência de certas consoantes (como o L ou o R, por exemplo), apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico-cultural do continente como um todo (...) a presença desse R no lugar de L nada mais é que a marca linguística de um idioma africano, no qual o L inexistente. (...) Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira, que corta os erres dos infinitos verbais, que condensa 'você' em 'cê', o 'está' em 'tá' e por aí afora. Não sacam que estão falando pretuguês. (Gonzalez, 1984)

Lélia analisa justamente a formação da identidade cultural brasileira por meio das palavras e formas de falar provenientes de idiomas africanos, levando em conta o que se aprende através da oralidade, junto do reconhecimento da influência dos idiomas africanos no português falado.

A música aborda a linguagem empregada pela cantora a fim de compreender os resquícios da língua africana na cantoria dos escravizados e os considerar como uma riqueza cultural brasileira que carece de interpretação. Ao perceber a música como manifestação cultural, abre-se espaço para a perspectiva da linguagem empregada como resquício cultural africano. Assim, podemos ler que “África para esses músicos, surge como uma utopia (...) no sentido de que é o lastro maior de uma história em conexão, o

passado rememorado, a preservação de valores e signos culturais” (Azevedo, 2016 p. 246).

Sendo assim, o/a professor/a pode apresentar aos/às alunos/as o contexto histórico, destacando o tempo e o espaço nos quais cada canção foi elaborada como objeto cultural. Napolitano (2002) postula que o/a professor/a deve traçar o mapa dos circuitos socio-culturais, das recepções e apropriações de cada música, para que os/as educandos/as possam fazer uma análise própria da canção trabalhada, assim, possibilitando interpretações e significados particulares a cada aluno/a.

Por fim, pode-se questionar os/as estudantes da seguinte forma: “Será que esses cantos podem ser marcas da ligação cultural brasileira e africana? Quais fatores foram importantes para a configuração de um tipo de português diferenciado ou um pretuguês?” Este será um momento reservado à escuta dos/das alunos/as, no qual poderá ser percebido o que foi apropriado por eles, tendo em vista as discussões e os conceitos trabalhados anteriormente.

2.2. Segundo momento: Mulheres Negras na música brasileira e no samba

O segundo encontro se dedica a trabalhar com os/as estudantes um panorama do contexto histórico no qual ocorre o surgimento do samba como gênero musical e sua disseminação, destacando sua importância até os dias atuais. Nesta atividade também se tem o intuito de destacar a relevância das mulheres negras na música brasileira, com ênfase nas figuras icônicas de Alcione e Elza Soares. Para trabalhar tais questões o/a professor/a contará com o texto

de apoio denominado “Samba: Identidade e Resistência Cultural”,⁴ que visa auxiliar no estudo sobre o surgimento e a propagação do samba.



Salve A Lama Negra

Salve a lama negra
Que grudou na sola branca dos pés
Salve as cantorias
Pelas noites na magia da fé

Salve esse cheiro de senzala
Que nosso povo todo exala
Salve esse grito dos palmares
Sangue vivo nos cantares
Que a todos nós, embala

Sambas e cirandas
Candomblés, maracatus e congadas
Crenças, lendas, lutas
Tradições pelos velhos, plantadas

Coisas do rir e do chorar
Do sofrimento e da alegria
Dias de festas e saudades
Pelo tempo no cantar
Que nos traz felicidades

Força que nem o capataz
Capaz, não foi de apagar
E que o futuro mostrará
E o fruto vingará
E o filho do filho, cantará

Sambas e cirandas
Candomblés, maracatus e congadas
Crenças, lendas, lutas
Tradições pelos velhos, plantadas

Coisas do rir e do chorar
Do sofrimento e da alegria
Dias de festas e saudades
Pelo tempo no cantar
Que nos traz felicidades

Força que nem o capataz
Capaz, não foi de apagar
E que o futuro mostrará
E o fruto vingará
E o filho do filho, cantará

E o filho do filho, cantará (x4)

4. Texto de apoio “Samba: Identidade e Resistência Cultural”, disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1rimDyevlZ1Lzf8G46pVsKVwsD4vWPuly/view>

Para explorar os temas desta aula, propõe-se iniciar ouvindo a música “Salve a Lama Negra”,⁵ interpretada pela cantora Alcione. Em seguida, o/a professor/a poderá distribuir uma folha impressa com a letra da música, conforme o arquivo que disponibilizamos.⁶ A letra poderá ser trabalhada a partir de perguntas norteadoras, de acordo com o roteiro sugerido para a atividade: “Ouvindo e lendo a música Salve a Lama Negra”, que visam aprofundar a compreensão dos/das estudantes sobre esta expressão cultural.

5. Música “Salve a Lama Negra”: <https://www.youtube.com/watch?app=desktop&v=g0kYSCibjjY>

6. Letra da música “Salve a Lama Negra”: <https://drive.google.com/file/d/17bnBq4IjqrA0HWL8ylc8ogf-xmOvT-G2/view?usp=sharing>

ROTEIRO DE ATIVIDADE

Ouvindo e lendo a música *Salve a Lama Negra*

Depois de ouvir a música: momento de debate e contextualização trazida pelo/a professor/a (antes da leitura)

(Recomenda-se ao/a professor/a que, se possível, sente em roda com os/as educandos/as para que todos/as possam se ver enquanto debatem)

- Quais são suas primeiras impressões?
- Qual é a história que essa música conta?
- Qual ou quais período(s) a obra retrata? O que sabemos sobre o período?
- O que pode ser dito sobre esse gênero musical? Onde a intérprete e o compositor da música nasceram? O que estava acontecendo nesse lugar no período?

Lendo os trechos da música: leitura conjunta (durante a leitura)

(Recomenda-se ao/a professor/a que separe alguns trechos da música, a sua escolha, para trabalhar com os/as educandos/as)

- Leia com o grupo os trechos indicados e escrevam brevemente quais foram suas impressões.
- Escreva: sobre o que a música fala? Que história ela conta?
- Pensando na pergunta do início da nossa aula, escreva sobre que história você considera que esta música apresenta: uma história triste ou feliz? Uma história de um grupo oprimido ou resistente?

Hora do debate (após a leitura)

- Recomenda-se iniciar um novo debate

Após a realização da atividade, é recomendado que o/a professor/a promova a discussão sobre outras mulheres negras que desempenharam papéis significativos no cenário musical brasileiro, como, por exemplo, Liniker, Jovelina Pérola Negra, Dona Ivone Lara, Lia

de Itamaracá, Sandra de Sá e Iza. E principalmente no samba, como bem afirma Beth Carvalho, que demonstra historicamente resistir ao patriarcado, indicando o protagonismo das mulheres também no samba:

Beth Carvalho: “A maioria dos sambistas é homem. Depois de mim, Clara Nunes e Alcione, as coisas melhoraram. O samba é machista, mas o papel da mulher é forte. O samba é matriarcal, na medida que dona Vicentina, dona Neuma, dona Zica comandam os bastidores da história. Eu, por exemplo, sou madrinha de muitos homens (risos)”. (MORATELLI, Valmir. Beth Carvalho: “A CIA quer acabar com o samba”. iG, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 2011).

Assim, compreende-se que haverá a possibilidade de ampliação do repertório cultural dos/das educandos/as, bem como o reconhecimento da diversidade e da contribuição das mulheres negras para a cultura nacional. Esse também é um momento para promover um ambiente propício para que os/as educandos/as possam compartilhar seus saberes e as vivências que possuem em relação ao tema trabalhado.

Um dos vários exemplos possíveis dessas trajetórias em nosso país é o da cantora Elza Soares, que vivenciou, desde o início de sua existência, o preconceito tanto de gênero, quanto de raça. Do começo ao fim da sua carreira, sempre se manteve em constância, sem mudar as pautas de luta, que foram de grande importância para a população brasileira.

Muito apropriado para a trajetória de Elza o seu disco ser batizado de “Planeta Fome”, em homenagem à fala de sua primeira aparição na TV, em 1953. Na ocasião, em um programa de calouros comandado por Ary Barroso, ela foi motivo de zombaria por causa de suas roupas mal ajustadas. Questionada sobre “de que planeta tinha vindo”, respondeu: “Vim do mesmo planeta que você, Seu Ary. O planeta fome!”. Em 2020, em entrevista ao G1, ela declarou que nunca saímos do tal planeta – e estava certa, como de costume (COLETTI, Caio. Planeta Fome, último álbum de Elza Soares, é testemunho de uma artista imortal. Omelete, 21 de janeiro de 2022).

Elza Soares, que cantou até o fim, como predestinou, foi, e é, uma das vozes de milhares de mulheres que lutaram e ainda continuam lutando contra a desigualdade, violência e preconceito enraizados sistematicamente no Brasil.

2.3. Terceiro momento: Zumbi, Dandara e a vida eterna dos símbolos na Música

Nesta atividade, o principal objetivo é abordar a história do Quilombo dos Palmares, como principal movimento de resistência de escravizados fugitivos, contextualizando-o no período colonial brasileiro como parte da complexa rede de relações sociais do período. Assim, busca-se proporcionar uma reflexão sobre a memória do Quilombo e de seus líderes ao longo do tempo, por meio da análise das referências presentes na obra de Jorge Ben Jor.

Sendo assim, no primeiro momento da terceira aula, o/a professor/a deve apresentar a história do Quilombo de Palmares, dando

destaque especialmente ao líder Zumbi dos Palmares e à sua esposa Dandara. Compreende-se haver a necessidade de relatar brevemente a origem e a organização do Quilombo, abordando também a realização de seus líderes na luta contra o sanguinário processo escravocrata no Brasil. Como material de apoio para esta atividade, produzimos um texto didático denominado “Dandara, Zumbi e o Quilombo de Palmares”.⁷

Após essa breve contextualização histórica sobre o tema, o/a professor/a, com o auxílio opcional de slides⁸ e de aparelho de som, poderá apresentar a obra de um dos grandes artistas da história do Brasil, o músico e compositor, Jorge Ben Jor. Recomenda-se que, em um primeiro momento, seja feita uma contextualização sobre o artista, apresentando a história de Jorge Ben, seu envolvimento com a música e a valorização da cultura afro-brasileira, para posteriormente dar enfoque a um dos seus álbuns: *A Tábua de Esmeralda*, de 1974.

O disco se caracterizou pela chamada Alquimia, ciência antiga que mescla saberes como filosofia e química com o misticismo. Para Jorge Ben Jor, alquimia significava uma síntese de diferentes gêneros e instrumentos na mesma canção. “A maioria das músicas são alquímicas, mas sempre pela filosofia musical. Eu pretendo que a minha música traga paz de espírito e tranquilidade para quem a escuta” (MILLARCH, 1974). *A Tábua de Esmeralda*, de Jorge Ben,

7. Texto de apoio “Dandara, Zumbi e o Quilombo de Palmares” - <https://drive.google.com/file/d/11gxZfQgbCvf4i4eC43Pp6Qr2DQ40EOXp/view?usp=sharing>

8. Slides Jorge Ben Jor - https://www.canva.com/design/DAGRzslhq5M/GZM-1PqtmfrXgr6CRjesBIQ/edit?utm_content=DAGRzslhq5M&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton

além de relacionar elementos variados e narrar histórias de figuras enigmáticas, como Nicolas Flamel, figura utilizada na capa e uma das principais personalidades do assunto Alquimia, traz também uma faixa que homenageia o principal líder de Palmares, Zumbi, sobre a qual é possível desenvolver importante reflexão na aula de História.

Por meio da canção “Zumbi”,⁹ o/a professor/a pode construir a ligação do conteúdo sobre a história de Palmares, com o álbum “A Tábua de Esmeralda”, ouvindo e analisando a letra da música. É importante que se busque, a todo momento, a troca de impressões com os/as estudantes para que seja possível sanar dúvidas, desenvolver reflexões e apresentar palavras que até então sejam desconhecidas para eles/elas.

Ao final da aula, após a apreciação da obra, sugere-se um questionário com indagações sobre os novos conhecimentos adquiridos, palavras, termos que apareceram durante a aula, sobre suas próprias experiências e impressões diante dos temas abordados. Sugerimos as seguintes questões:

- Por que a imagem de Zumbi e Dandara é frequentemente usada na luta contra o racismo no Brasil?
- Qual é a importância do dia 20 de novembro para a população negra no Brasil?

9. Canção Zumbi: <https://drive.google.com/file/d/1F56kd6rHgqxq8f9NT56GtYFcCu971PHb1/view?usp=sharing>

- Qual é a origem da palavra “quilombo” e como eram organizados os quilombos?
- Como Jorge Ben Jor constrói a imagem de Zumbi na música? De que forma o personagem é retratado?
- Qual orixá das religiões afro-brasileiras Jorge Ben associa a Zumbi na música? Por quê?

2.4. Quarto momento: produção escrita

No quarto e último momento desta proposição pedagógica, recomenda-se que o/ professor/a realize uma breve recapitulação dos tópicos abordados ao longo das aulas propostas anteriormente, para que os/as estudantes preparem-se para a atividade a ser realizada, conforme modelo¹⁰ disponível. Nessa atividade, os/as alunos/as serão incentivados/as a expressarem seus conhecimentos de forma criativa, por meio da escrita de poesias ou letras de canções, que abordem os conteúdos discutidos em sala de aula. Os/as estudantes podem ainda relacionar os conceitos trabalhados com suas experiências, vivências e percepções da sociedade contemporânea, considerando, principalmente, os grupos sociais dos quais participam.

10. Atividade escrita – <https://drive.google.com/file/d/1z6ehFEb0V0yDTSYL75QNkXY-Nft4aqQZ/view?usp=sharing>



Agora, para a atividade, junte-se com colegas. Vocês já
conheceram várias músicas que tratam sobre a negritude no Brasil.
A partir das discussões que fizemos, escrevam um texto livre (de preferência
em formato de música ou poema), retratando a história, as lutas e as formas
de resistência afro-brasileiras. Boa escrita!

Para estimular a criatividade dos/das educandos/as, a partir de um ambiente propício à reflexão, aconselha-se a reprodução das músicas trabalhadas e de outras que se relacionem ao tema, preferencialmente, antes dos/as alunos/as trabalharem na atividade

escrita. Compreende-se esse procedimento metodológico como uma forma de auxiliá-los a buscar nas músicas apresentadas inspiração para a escrita.

Além disso, como uma possibilidade adicional, o/a educador/a pode optar por realizar uma exposição das produções feitas pelos/pelas alunos/as, oportunizando o diálogo entre diferentes turmas e períodos, valorizando o trabalho realizado e a diversidade de perspectivas sobre o tema: “Expressões da música negra brasileira”.

QUER CONHECER MAIS SOBRE O TEMA? LEIA



hooks, bell. **Erguer a voz**: pensar como feminista, pensar como negra. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

Schwarcz, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário**: cor e raça na sociabilidade brasileira. São Paulo: Claro Enigma, 2012.

Museu Afro Brasil Emanuel Araujo. <http://www.museuafrobrasil.org.br/o-museu/apresentacao>

Notícia: Elza Soares: cinco lembranças da ‘voz do milênio’. https://cultura.uol.com.br/noticias/45864_elza-soares-cinco-lembrancas-da-voz-do-milenio.html

Para saber mais sobre o conceito de Pretuguês:

MN) REDAÇÃO. Nós falamos Pretuguês - Mundo Negro. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/nos-falamos-pretugues/>. Acesso em: 17 mar. 2024.

SILVA, Andressa Queiroz da; APONTES, Selmo Azevedo. O pretuguês e a ancestralidade africana no Brasil: uma análise de “Canto II”, da obra “O canto dos escravos”. **Revista Philologus**, v. 26, n. 78, p. 189-206, 2020.

VISCARDI, J. PRETUGUÊS, DE LELIA GONZALEZ: PASSADO E PRESENTE | JANA VISCARDI. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AA4MjU-Q-Zk>. Acesso em: 17 mar. 2024.



REFERÊNCIAS

ABUD, Kátia Maria; GLEZER, Raquel. **História: a música popular: resistência e registro**. São Paulo: Dreampix Comunicação, 2004.

AZEVEDO, Amailton Magno. O Canto dos Escravos: heranças centro-africanas na música contemporânea do Brasil. **OPSIS**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 238–251, 2016.

AZEVEDO, Amailton Magno. Samba: um ritmo negro de resistência. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, Brasil, n. 70, p. 44-58, ago. 2018.

GOMES, Rodrigo Cantos Savelli. Tias Baianas que lavam, cozinham, dançam, cantam, tocam e compõem: um exame das relações de gênero no samba da Pequena África do Rio de Janeiro na primeira metade do século XX. **Anais** do SIMPOM, n. 1, 2010.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista ciências sociais hoje**, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

JORGE Ben Jor. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2024. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa13998/jorge-ben-jor>. Acesso em: 09 set. 2024. Verbetes da Enciclopédia. ISBN 978-85-7979-060-7.

LOPES, Nei. **O novo dicionário banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Palla, 2003.

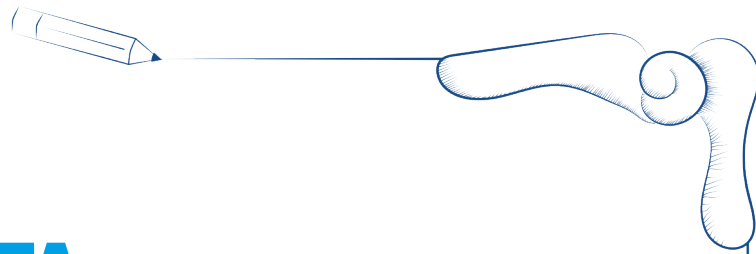
MENEZES BASTOS, Rafael José de. A “origem do samba” como invenção do Brasil (Por que as canções têm música?). **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 11, n. 31, São Paulo, jun/ 1996.

MILLARCH, Aramis. Disco – Jorge Ben e a sua Tábua de Esmeralda. 1974. Disponível em: <http://www.millarch.org/artigo/disco-jorge-ben-sua-tabua-de-esmeralda>. Acesso em: 09 de set. 2024.

NAPOLITANO, Marcos. A música popular brasileira (MPB) dos anos 70: resistência política e consumo cultural. In: **Actas** del V Congreso Latinoamericano IASPM. 2002.

REIS, Alexandre. **Eu quero ver quando Zumbi chegar**: a identidade negra na obra de Jorge Ben. Niterói: UFF. Programa de Pós-graduação em História, 2014. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1800.pdf> . Acesso em: 05 de set. 2024.

TRINDADE, Cláudio Robélio Da et al.. A lei 10.639/03: os desafios docentes e a prática pedagógica em torno da recepção e identificação dos alunos a respeito do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana em sala de aula. **Anais II CONEDU**. Campina Grande: Realize Editora, 2015. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/15245>>. Acesso em: 11/06/2024



PROPOSTA PEDAGÓGICA 3 ENSINO DE HISTÓRIA E HQs

Bruno Coutinho Lucas Pereira
Daniel Sias da Silva
Letícia Lopes Felix
Victória Antunes Capella



Título da Atividade: A representatividade negra nos quadrinhos

Público-alvo: estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e alunos/as do Ensino Médio

Objetivos: apresentar e discutir a representatividade negra nas mídias de entretenimento; problematizar o significado e a efetivação da representatividade racial; traçar relações entre os elementos característicos dos personagens com a cultura africana; desenvolver as habilidades de leitura e de produção textual dos/das estudantes.

Relação com a BNCC:

Ensino Fundamental:

(EF08HI19) Formular questionamentos sobre o legado da escravidão nas Américas, com base na seleção e consulta de fontes de diferentes naturezas.

(EF08HI20) Identificar e relacionar aspectos das estruturas sociais da atualidade com os legados da escravidão no Brasil e discutir a importância de ações afirmativas.

(EF08HI27) Identificar as tensões e os significados dos discursos civilizatórios, avaliando seus impactos negativos para os povos indígenas originários e as populações negras nas Américas.

(EF09HI04) Discutir a importância da participação da população negra na formação econômica, política e social do Brasil.

(EF09HI08) Identificar as transformações ocorridas no debate sobre as questões da diversidade no Brasil durante o século XX e compreender o significado das mudanças de abordagem em relação ao tema.

(EF09HI09) Relacionar as conquistas de direitos políticos, sociais e civis à atuação de movimentos sociais.

Ensino Médio:

(EM13CHS101) Analisar e comparar diferentes fontes e narrativas expressas em diversas linguagens, com vistas à compreensão e à crítica de ideias filosóficas e processos e eventos históricos, geográficos, políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais.

(EM13CHS102) Identificar, analisar e discutir as circunstâncias históricas, geográficas, políticas, econômicas, sociais, ambientais e culturais da emergência de matrizes conceituais hegemônicas (etnocentrismo, evolução, modernidade etc.), comparando-as a narrativas que contemplem outros agentes e discursos.

(EM13CHS601) Relacionar as demandas políticas, sociais e culturais de indígenas e afrodescendentes no Brasil contemporâneo aos processos históricos das Américas e ao contexto de exclusão e inclusão precária desses grupos na ordem social e econômica atual.

Duração da atividade: 200 minutos (quatro períodos de 50 minutos).

Materiais e/ou equipamentos necessários: computador, projetor, quadro, caneta, slides e materiais impressos.

1. INTRODUÇÃO

Em 2022, o censo oficial do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), acerca da identidade racial dos brasileiros, declarou que cerca de 92,1 milhões de brasileiros identificam-se como pardos, o equivalente a 45,3% da população do país. Tendo esse dado em mente, torna-se necessário levantar questionamentos acerca de quais representações sociais essa parte significativa da população está exposta, especialmente no contexto atual, no qual o consumo de diferentes mídias de entretenimento apresenta-se cada vez mais intenso. Malafaia (2018), ao abordar a identificação de crianças negras, ratifica que comportamentos negativos são

predominantemente atribuídos a indivíduos dessa comunidade, o que atribui ao professor o papel de desenvolver, com os/as estudantes, reflexões a respeito da significância positiva da cultura afro-brasileira, a fim de combater os estereótipos racistas aos quais os/as alunos/as estão sendo expostos/as.

O desenvolvimento de estratégias para promover a igualdade racial encontra-se na perspectiva de uma educação antirracista, que Almeida (2023) define como uma orientação pedagógica provocadora de reflexão-ação, cujo objetivo é instigar os/as educandos/as e educadores/as ao reconhecimento do racismo estrutural que permeia a sociedade e as formas de intervenção possíveis nessa realidade. Pensando em trabalhar com esses fundamentos, as atividades propostas buscam refletir, com os/as estudantes de diferentes anos escolares, sobre as narrativas presentes nas histórias dos super-heróis negros, um foco de interesse da juventude atual em razão das grandes produções cinematográficas. Nesta proposta pedagógica, dispensamos especial atenção ao formato de quadrinhos, como uma forma de contribuir para a formação leitora do/da aluno/a.

As práticas foram concebidas com a flexibilidade necessária para abranger tanto turmas do Ensino Fundamental quanto aquelas do Ensino Médio, diante da adaptação do/da professor/a para o alcance dos objetivos estabelecidos de maneira eficaz, promovendo uma experiência educacional personalizada e alinhada às metas pedagógicas do grupo. Com o objetivo de alcançar a participação ativa dos/das alunos/as, considera-se relevante abrir espaços para que haja diálogo durante a apresentação dos conceitos iniciais. Propõe-se também inserir essa atividade em contextos em

que os/as estudantes estejam familiarizados previamente com a temática de super-heróis nos quadrinhos. Ainda, ressalta-se que pode ser vista como uma proposta tanto para a inserção de debates de cunho racial, quanto para ampliar e/ou aprofundar a compreensão de conteúdos trabalhados anteriormente sobre temas afins.

2. ATIVIDADES

2.1. Primeiro encontro: introdução ao debate da representatividade negra nos quadrinhos

O que é representatividade? Qual a sua importância? Como um personagem pode ser representativo para um público?

Quando fala-se sobre a representatividade de personagens na mídia, significa que está representando pessoas que fazem parte de memórias sociais. Essa personalidade tem a responsabilidade de representar todo um conjunto de pessoas!

Retratos negativos podem prejudicar a autoestima e a autoimagem de grupos discriminados, afetando a compreensão que eles têm de si mesmos, e também influenciar a imagem que outros grupos fazem deles.

De discursos da mídia influenciam a construção e a reafirmação das identidades individuais e oferecem modelos de comportamento a serem seguidos.

Quando criamos um personagem precisamos ficar atentos com os elementos que concedemos a sua história, para fugirmos de estereótipos que podem ser prejudiciais para certos grupos de pessoas.

Foi partir da década de setenta que houve um aumento no número de pessoas negras na mídia, porém a maior parte desses papéis eram de personagens secundários ou de figurante. Hoje em dia, há uma maior preocupação em destacar positivamente essas pessoas.

Como uma tentativa de evitar a invisibilização e o reforço dos estereótipos raciais, é necessário que tenhamos algumas coisas em mente:

- O personagem deve possuir efetivamente um protagonismo em sua história, sua jornada deve trazer seus ideais e vivências próprias;
- É importante que sua existência não gire em torno de outros personagens, seus relacionamentos devem ser valorizados, mas não podem ser sua única motivação.

Com as personagens femininas os cuidados são ainda mais específicos, pois elas passam também por questões específicas de gênero.

- É recomendável que suas ocupações não sejam somente voltadas a estereótipos de feminilidade;
- Não devem ser definidas apenas por seus pares românticos, é importante que essa personagem tenha sua independência.

Tempo previsto para a atividade: 45-50 minutos.

Durante a primeira aula, recomendamos que seja realizada a introdução da temática com os/as estudantes, com o auxílio de material produzido (Anexo I)¹ especificamente para este fim. O material possui design semelhante a uma *comic*, com cinco quadrinhos que devem ser lidos de forma oral, na sequência tradicional (de cima para baixo, da esquerda para direita). O objetivo de seu uso é apresentar alguns conceitos importantes para a discussão, iniciando-se com uma contextualização histórica da representatividade negra e utilizando-se de personagens como exemplos práticos para as problematizações levantadas.

Para melhor apropriação do conteúdo, é recomendável ler o artigo: “Da marginalização à centralidade: a importância da representatividade negra na literatura infantojuvenil”, disponível na bibliografia do capítulo, pois o texto evidencia a necessidade da leitura como uma forma de desenvolvimento do senso crítico, destacando que os materiais apropriados devem possuir elementos que permitam a identificação racial do/da aluno/a, possibilitando o aumento de sua autoestima ao perceber modelos de referência positiva.

No panfleto destinado a essa aula, é possível encontrar, no seu primeiro quadrinho, perguntas geradoras que evidenciam a proposta da atividade e a relação dos personagens com o conteúdo. Esses questionamentos, realizados logo no início da narrativa, procuram identificar qual o sentido e a importância da representatividade.

1. Anexo I: “Panfleto - Negritude nas comics”, disponível em: <https://drive.google.com/file/d/110N773ReMY7rUDZCF4shzrqvgB1snwlb/view?usp=sharing>

Sugere-se que o/a professor/a os use para desenvolver essa primeira aula, pois espera-se que as respostas dos/das alunos/as, no começo e ao final da leitura, sofram alterações. O modo como será realizada a leitura do material fica a critério do/da professor/a, mas recomenda-se que seja concedido à turma o papel de ouvinte, porque, dessa forma, os/as estudantes podem concentrar-se no conteúdo do panfleto ao invés de preocuparem-se com a leitura do material escrito.

Logo em seguida, no segundo quadrinho do panfleto, será abordada a figura de James Rhodes, cujo alter ego é a “Máquina de Combate”, criado em 1978 e utilizado como exemplo de um “retrato negativo”, pois, ao invés de ser um protagonista com sua origem, o soldado cai no estereótipo de “auxiliar” do herói branco principal, que é Tony Stark. Com suas aparições pequenas nos filmes e sua utilização nos quadrinhos apenas como um personagem de impulso para os outros, ele se enquadra nos estereótipos que não devem ser considerados representativos, uma vez que danificam a imagem de pessoas negras e as coloca em um papel de servitude.

O próximo personagem abordado é a heroína Mônica Rambeau, criada em 1982. Nesse momento, espera-se que o/a professor/a discuta a razão pela qual as personagens mulheres negras eram constantemente colocadas em papéis secundários. A primeira Capitã Marvel é um exemplo do racismo editorial, pois, embora inicialmente tenha tido sua jornada como protagonista, foi logo descartada pela falta de interesse dos cartunistas em desenvolvê-la, e seu título passou para Carol Danvers, uma mulher branca.



Imagem 2: Abelha, uma personagem bastante querida pelo público adolescente

No quadrinho adiante, é tratada a questão de Sam Wilson que, ao contrário de Mônica, iniciou sua trajetória em 1969, como um personagem secundário, mas, ao longo do tempo, como uma resposta a demanda do público por personagens mais representativos, ganhou destaque com suas próprias edições. Atualmente, o personagem é o Capitão América no universo cinematográfico. Sua série traz diversas problematizações sobre o sistema racista dos Estados Unidos, como isso reflete na autoestima e na perspectiva de jovens negros. As narrativas que seguem o anteriormente chamado Falcão servem para refletir sobre os pontos positivos de uma representatividade efetiva, e como ela estimula minorias a ocuparem espaços de protagonismo e poder.

Por último, são apresentadas as particularidades de personagens femininas. O exemplo utilizado é Karen Beecher, mais conhecida como Abelha. Ela foi criada em 1976 e é uma personagem recorrente no grupo “Jovens Titãs”. Uma cientista renomada e jovem carismática, a heroína, apesar de não ser uma das mais poderosas do universo, é uma queridinha dos fãs juvenis de quadrinhos, estando presente na maior parte das animações voltadas para adolescentes, como um exemplo de independência e genialidade.

Como uma forma de aproximar-se desses personagens, recomenda-se uma breve leitura em seus perfis no site Explore², que traz as principais informações sobre suas histórias através da comunidade de fãs. Após a explicação, é aconselhável o/a professor/a procurar

2. O site é editado por fãs, e a revisão do conteúdo é realizada por moderadores. Possui bons exemplos sobre os quadrinhos mais relevantes de cada personagem. Disponível em: <<https://www.fandom.com/explore-pt-br?uselang=pt-br>>.

observar quais elementos do tema chamaram mais a atenção dos/das alunos/as, se eles conhecem mais personagens que consideram boas ou más representações. Anotar no quadro os resultados pode ser uma maneira de iniciar mais facilmente a discussão das próximas aulas.

2.2. Segundo encontro: aula expositiva dialogada com apresentação de slides

Na segunda aula, a utilização de recursos digitais, como slides interativos (Anexo II),³ pode elevar o nível de engajamento dos/das estudantes. O material didático segue uma abordagem visualmente atrativa, alinhada à estética das Histórias em Quadrinho (HQs), com o intuito de capturar a atenção do público-alvo desde o início do encontro. Um dos pontos-chave dessa abordagem é o questionamento direto aos/às alunos/as: “Quantos super-heróis negros você conhece?”. Esta indagação, elaborada estrategicamente, visa não apenas avaliar o conhecimento prévio dos/das estudantes, mas também provocar reflexões sobre a representatividade étnico-racial nas mídias de entretenimento.

A proposta é que essa provocação inicie um debate estimulante na turma, incentivando a participação ativa dos/das alunos/as e facilitando o diálogo mediado pelo/pela professor/a. Os/as estudantes devem ser encorajados/as a compartilhar suas percepções e conhecimentos sobre personagens negros presentes nas HQs, bem como a analisar criticamente os papéis que

3. Anexo II: “Slides - Representatividade negra nas histórias em quadrinhos”, disponível em: https://www.canva.com/design/DAGRzqsCHAw/DLx-vaAkw8817bgPAPtaYsA/edit?utm_content=DAGRzqsCHAw&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton



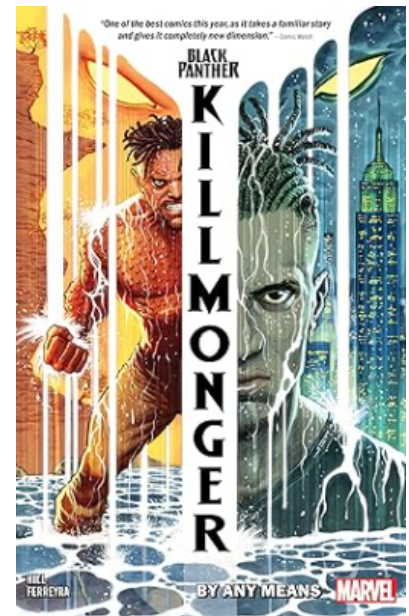
Imagem 3: Na HQ “Vixen: O retorno do leão” tem exemplos da importância da ancestralidade africana para esta personagem pelo público adolescente

esses personagens desempenham em suas respectivas narrativas. A partir dessa troca de ideias, é possível introduzir, com os/as discentes, uma ampla gama de personagens negros que têm marcado presença nas HQs ao longo das décadas, desde o início da sua criação até as produções contemporâneas. Além de explorar a diversidade de personagens, é fundamental abordar a importância da representatividade étnico-racial nas mídias e seu possível impacto na construção de identidades individuais e coletivas. É uma oportunidade para os/as alunos/as refletirem sobre como a representação de diferentes grupos étnicos pode influenciar na percepção social e na autoestima das pessoas.

Neste contexto, é pertinente discutir como a representação étnico-racial pode reforçar ou desafiar estereótipos, especialmente a tendência de associar personagens negros à vilania. Essa discussão crítica pode contribuir para uma maior conscientização sobre os preconceitos presentes nas interações cotidianas e para o desenvolvimento de uma visão mais inclusiva e empática dos/das estudantes em suas relações interpessoais.

Como exemplos concretos de representatividade positiva que desafiam estereótipos preconceituosos, serão apresentados dois personagens emblemáticos: a super-heroína Vixen, da DC Comics, e o icônico Pantera Negra, da Marvel. Ambos são figuras inspiradoras que não apenas representam a diversidade étnico-cultural, mas também desempenham papéis de destaque e protagonismo em suas respectivas narrativas, servindo como modelos positivos para os espectadores, especialmente para as comunidades negras e minoritárias.

Vixen, também conhecida como Mari Jiwe McCabe, é uma personagem que exemplifica a diversidade étnico-cultural e a representatividade feminina nos quadrinhos. Sua história é profundamente enraizada na cultura africana, destacando-se como uma das poucas heroínas africanas da DC Comics. Mari é descendente de uma linhagem de guerreiros africanos e possui o poder de canalizar as habilidades de qualquer animal selvagem, uma habilidade conhecida como “Tantu Totem”. A história de Vixen aborda questões sociais e políticas relevantes. Como modelo positivo, ela é retratada como uma mulher forte e independente, que enfrenta desafios tanto dentro quanto fora da identidade de super-heroína. Sua presença nos quadrinhos serve como um exemplo inspirador para jovens leitores/as, especialmente para aqueles/as pertencentes a comunidades étnicas minoritárias, mostrando que é possível superar adversidades.



Por sua vez, Pantera Negra, cujo nome civil é T'Challa, é sem dúvida um dos personagens mais icônicos e influentes da Marvel Comics. Ele é o rei de Wakanda, uma nação fictícia africana conhecida por sua tecnologia avançada e pela abundância do metal precioso vibranium. T'Challa lidera sua nação com sabedoria e coragem, ao passo que assume o manto do Pantera Negra, um protetor e defensor de sua terra e de seu povo. A representação do Pantera Negra vai além das páginas dos quadrinhos. Em 2018, o filme “Pantera Negra”, da Marvel Studio, dirigido por Ryan Coogler, teve um impacto cultural significativo ao destacar a riqueza e a diversidade da cultura africana e da diáspora negra. O filme recebeu aclamação da crítica e do público, tornando-se um fenômeno global e

Imagem 4: HQ do Pantera Negra, na qual se explora a cultura de Wakanda, o país do protagonista, e também inclui a história apresentada no filme “Pantera Negra” (2018).

estabelecendo um novo padrão para a representação de super-heróis no cinema.

Tanto nos quadrinhos quanto no cinema, Pantera Negra é celebrado como um símbolo de orgulho e empoderamento para as comunidades negras ao redor do mundo. Sua história inspira os fãs a acreditarem em si mesmos e também desafia estereótipos prejudiciais ao apresentar um herói negro forte, inteligente e compassivo.

A análise desses personagens proporciona uma base sólida para discussões mais amplas sobre inclusão, diversidade e empoderamento, a partir da cultura pop na sociedade contemporânea. Além disso, incentiva os/as alunos/as a refletirem sobre o papel das mídias na promoção da igualdade e na construção de uma sociedade mais justa e plural. Ao final da aula, espera-se que os estudantes saiam com um maior conhecimento sobre a diversidade étnico-racial nas HQs e com uma consciência ampliada sobre a importância da representatividade e do combate ao preconceito em todas as formas de expressão artística e cultural.

2.3. Terceiro encontro: momento dos/das estudantes realizarem a atividade proposta

Neste momento, os/as alunos/as receberão um panfleto com as características do Pantera Negra (Anexo III).⁴ O ideal é que o/a professor/a realize a leitura desse material para que possa ressaltar,

4. Anexo III: “Panfleto Pantera Negra”, disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1MX5kUhWKbKE1Lf174p4MKVJi3pviYUIQ/view?usp=sharing>

durante a leitura, como este personagem tem uma relação próxima com a sua ancestralidade e como a cultura africana influencia vários aspectos da vida dele que vão desde a sua aparência até a sua forma de pensar. Devido a isso, o personagem é uma representatividade positiva para a população negra e oferece uma referência de orgulho da sua ancestralidade africana.

Nesse momento os/as alunos/as receberão uma Ficha de Personagem (Anexo IV),⁵ na qual cada um, individualmente, vai criar um super herói ou heroína afro-brasileiro/a. Esta atividade, além de estimular as habilidades artísticas dos/das estudantes, também poderá incentivá-los a colocar em prática os conhecimentos trabalhados na oficina. Nela eles/elas precisam criar: um nome real, um nome de herói, altura, peso, poderes e uma história para o seu/sua personagem, além de desenhar como ele/ela seria fisicamente. Eles podem, inclusive, utilizar o panfleto entregue anteriormente como exemplo para a criação.

O professor/a precisa comunicar aos/às alunos/as que a forma de avaliação da oficina/aula vai ser a avaliação dos/das personagens criados/as, considerando se foi feito uso dos conhecimentos trabalhados até o momento. Ao criarem o/a personagem afro-brasileiro/a, existem vários elementos que precisam levar em consideração para não invisibilizar questões enfrentadas pela comunidade negra, nem reforçar estereótipos raciais. Entre eles, destacam-se: a compreensão da importância da representatividade para grupos sociais minoritários; o cuidado para que seu/sua herói/heroína

5. Anexo IV: “Ficha do personagem”, disponível em: https://drive.google.com/file/d/1472D89TR4IWEFTnFhRkluEGesriR_1dc/view?usp=drive_link

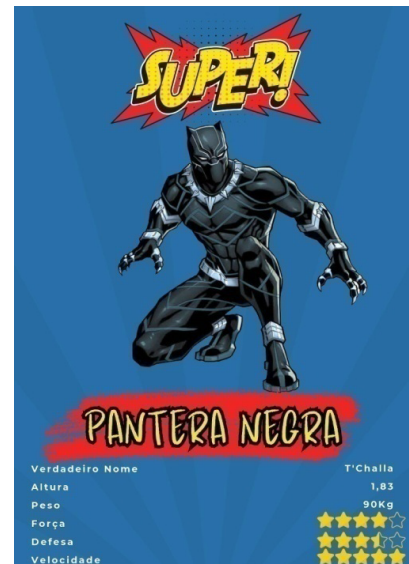


Imagem 5: HQ do Pantera Negra, na qual se conhece a cultura de Wakanda (país do Pantera Negra). Além disso, possui a história do filme “Pantera Negra” (2018).

seja o/a protagonista da história, com objetivos próprios, que não reforcem estereótipos relacionados à população negra e que sua existência não gire em torno exclusivamente dos seus relacionamentos afetivos.

Durante a apresentação, foi utilizada a personagem Vixen como exemplo das mudanças feitas nas representações das mulheres negras nos quadrinhos, desde sua criação, com o objetivo de valorizar a sua ancestralidade, a sua recusa a possuir uma narrativa resumida a estereótipos de feminilidade. Se optarem pela criação de uma heroína negra, é importante que os alunos reconheçam as questões de gênero enfrentadas pelas personagens femininas e criem uma história que não as fortaleçam, por exemplo: não criar uma heroína negra, cuja narrativa gira em torno exclusivamente dos seus relacionamentos (ela não pode ser conhecida por ser namorada de um personagem masculino, ou por ser a melhor amiga do protagonista branco e etc.). Esses elementos podem aparecer; porém, a protagonista precisa ter objetivos próprios. Ela também não pode ter uma personalidade resumida a estereótipos de gênero. As personagens femininas nos quadrinhos, atualmente, desafiam esses estereótipos ao realizarem profissões consideradas socialmente “masculinas”, como: mecânicas, inventoras e etc. É importante que a personagem feminina também tenha características que ultrapassem a sua aparência. No caso da Vixen, mesmo sendo modelo, também é descrita nas suas histórias o seu trabalho como ativista social.

FICHA DE PERSONAGEM
COMO UMA FORMA DE CONTRIBUIR PARA UMA MAIOR DIVERSIDADE, USE OS ELEMENTOS APRENDIDOS NESTA OFICINA PARA CRIAR SEU PRÓPRIO PERSONAGEM AFRO-BRASILEIRO

VERDADEIRO NOME:	ATAQUE
NOME DE HERÓI:	☆☆☆☆☆
ALTURA:	DEFESA
PESO:	☆☆☆☆☆
PODERES:	VELOCIDADE
	☆☆☆☆☆

Imagem 6: Ficha do Personagem (Anexo IV)

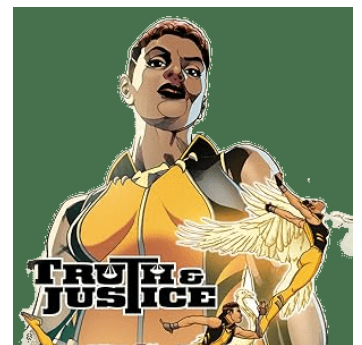


Imagem 7: Personagem Vixen que devido às características apresentadas em suas HQs se torna um bom exemplo de representatividade

2.4. Quarto encontro: interação entre os/as estudantes

Após cada aluno/a terminar a criação de seu herói ou heroína afro-brasileira, é o momento de apresentar o seu/sua personagem para os/as colegas. Esse momento da atividade pode ocorrer com cada um/a deles/delas, mostrando a sua Ficha de Personagem e contando a história do/da personagem na frente da turma ou na sua própria cadeira. O objetivo é garantir a liberdade de escolha dos/das estudantes.

O propósito deste momento é que cada aluno/a apresente, através da criação do/da personagem, os conhecimentos que foram desenvolvidos durante a oficina sobre a representatividade negra nas histórias em quadrinhos. À medida que cada aluno/a apresentar os seus conhecimentos, podem ser geradas reflexões nos/nas colegas, fazendo com que aprendam uns com os outros, suscitando mais reflexões ou debates.

O/a professor/a poderá instigar o debate, perguntando à turma, por exemplo: “Quais aspectos da cultura negra influenciaram o personagem de cada um/a?”, “Qual é a importância de representatividade para os grupos minoritários da sociedade?” ou “Qual era o/a personagem negro/a de que vocês se lembram de terem visto por último? Ele ou ela representava um estereótipo?”. O essencial na apresentação dos trabalhos é perceber se compreenderam como a representatividade é importante na construção da identidade dos indivíduos. No caso da representatividade negra, além de oferecer um modelo positivo de identificação para os/as alunos/as, é



Imagem 8: Minissérie “O Falcão e o Soldado Invernal” (2021) tem um protagonista negro e uma visão crítica sobre o racismo estrutural na sociedade norte-americana

possível aumentar sua autoestima e os estimular a ocupar locais de poder e protagonismo.

DICAS DE CONTEÚDO:

LEIA:

PATROCÍNIO, Mariana Virgínia. AFROFUTURISMO E EDUCAÇÃO: UM ENCONTRO COM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS. Revista Pedagogia Social UFF, v. 16, n. 1, 2023.

WILSON, Willow; CONWAY, Gerry. VIXEN: **O retorno do leão**. DC Comics, Estados Unidos. 2008.

ASSISTA:

Falcão e o Soldado Invernal. Criação de Malcolm Spellman. Estados Unidos, 2021. Série exibida pela Disney+. Acesso em: 03 marc. 2024.

NAVEGUE:

Fandom. Disponível em: <https://www.fandom.com/explore-pt-br?uselang=pt-br>.

REFERÊNCIAS:

ALMEIDA, Fabiana Alves de. **Educação antirracista na formação inicial de docentes**: uma proposta de conscientização. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Taubaté,

Taubaté, 2023. Disponível em: <<http://repositorio.unitau.br/jspui/handle/20.500.11874/6509>>

BELANDI, Caio; GOMES, Irene. Censo 2022: pela primeira vez, desde 1991, a maior parte da população do Brasil se declara parda. **Agência IBGE Notícias**, 26 jan. 2024. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38719-censo-2022-pela-primeira-vez-desde-1991-a-maior-parte-da-populacao-do-brasil-se-declara-parda#:~:text=Desde%201991%2C%20esse%20contingente%20>> Acesso em: 08 mar 2024

CAETANO, Janaína Oliveira; GOMES, Suzete Araujo Oliveira; CASTRO, Helena Carla. Da marginalização à centralidade: a importância da representatividade negra na literatura infantojuvenil. **Práxis Educativa**, v. 17, 2022. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S1809-43092022000100419&script=sci_arttext> Acesso em: 04 mar 2024

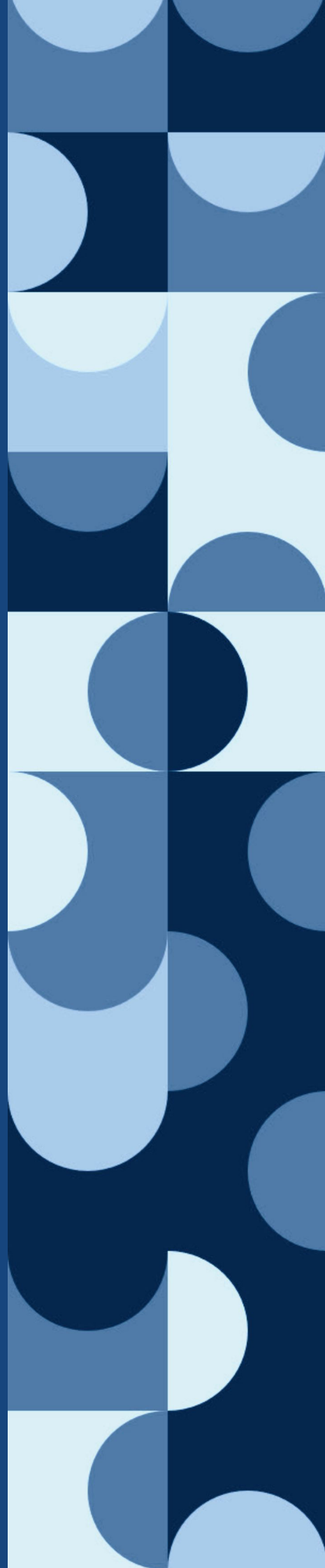
EWING, Eve L. **Monica Rambeau**: Photon 1. Marvel Universe, 2023 Disponível em: <<https://www.amazon.com.br/Monica-Rambeau-Photon-Luca-Maresca/dp/1302947907>> Acesso: 8 mar. 2024.

MALFAIA, Evelyn Dias Siqueira. A importância da representatividade negra na construção de identificação em crianças negras a partir de literatura infanto-juvenil negra. In: **X COPENE: Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros. Uberlândia-MG**. 2018. Disponível em: <<https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/>>

anais/8/1531151049_ARQUIVO_COPENE2.pdf> Acesso em: 01
mar 2024

THORNE, Geoffrey; EASTON, Brandon M.; LORE, Danny. **Truth
and Justice (2021-)**. DC Comics, 2021. Disponível em: <[https://www.
amazon.com/dp/B09KLJB8CF](https://www.amazon.com/dp/B09KLJB8CF)> Acesso: 8 mar. 2024.

POSFÁCIO

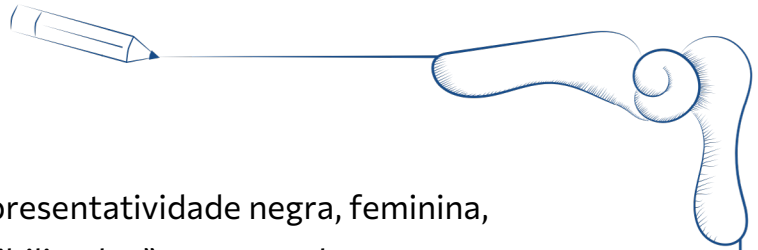




O caderno temático *Leitura, Escrita e Cultura Afro-Brasileira nas Aulas de História* oferece um material qualificado para a realização de atividades de história no ensino básico, com ênfase ao cumprimento da lei 10.639/03. Destaca-se a sua atenção voltada para o protagonismo negro, enfatizando-se a pluralidade das experiências negras no Brasil, adotando a perspectiva da liberdade como eixo transversal.

Fernanda Oliveira - UFRGS





De que modo tratar a representatividade negra, feminina, dos “invisíveis” e “invisibilizados” sem resvalar em preconceitos, em metodologias que acabam conectando as imagens do povo negro, das mulheres, das pessoas pobres à subalternidade, à dependência de figuras brancas, masculinas, detentoras de poder para, finalmente, ganharem protagonismo em suas trajetórias? Neste Caderno, as/os leitoras/es, as/os Colegas Professoras/es encontrarão muitas respostas para estas perguntas. O material busca, de forma original e criativa, oferecer caminhos para que as/os docentes possam, junto com as/os estudantes, construir conhecimentos fundamentais a respeito da História que se fez, da História que nos faz. Vivenciando a estética das Histórias em Quadrinhos, a experimentação sensível que a Música e a Literatura nos proporcionam; lendo, escrevendo, refletindo e debatendo, com uma escuta afinada – e afiada –, somos todas/os convidadas/os a caminhar pelo século XX de mãos dadas com Carolina Maria de Jesus, Dona Ivone Lara ou tantas outras Pérolas e personagens que contribuíram com o nosso tecido social... Também podemos voltar no tempo, nos encontrar com Zumbi dos Palmares, Dandara, com gente guerreira, resistente – e tão comumente ignorada – para compreender o processo histórico que possibilitou a barbárie da escravização de pessoas negras no Brasil.

Juliana Ferreira de Melo – Centro Pedagógico UFMG



CADERNOS TEMÁTICOS DO LEH

VOL. 4



Esta obra contou
com apoio do
PPGH/UFPEL
com recursos
PROAP/CAPES



 casaletras casaletras.com/academico	 9 786552 200150 ISBN: 978-65-5220-015-0
--	--